



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

AIRYS LIMA SANTOS

**AS MARCAS DA VARIAÇÃO E IDENTIDADE LINGUÍSTICA NO
DIALETO “CEARÊS”: UM FENÔMENO OBSERVÁVEL NAS FANPAGES
DAS MÍDIAS SOCIAIS**

CAJAZEIRA – PB

2022

AIRYS LIMA SANTOS

**AS MARCAS DA VARIAÇÃO E IDENTIDADE LINGUÍSTICA NO
DIALETO “CEARÊS”: UM FENÔMENO OBSERVÁVEL NAS FANPAGES
DAS MÍDIAS SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

CAJAZEIRAS – PB

2022

S237m Santos, Airys Lima.
As marcas da variação e identidade lingüística no dialeto “cearáns”: um fenômeno observável nas fanpages das mídias sociais / Airys Lima Santos.
- Cajazeiras, 2022.
73f.: il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2022.

1. Variação lingüística. 2. Identidade. 3. Preconceito lingüístico. 4. Ceará - Brasil. 5. Cearáns. 6. Redes sociais. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS CDU - 81'27

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

AIRYS LIMA SANTOS

AS MARCAS DA VARIAÇÃO E IDENTIDADE LINGUÍSTICA NO
DIALETO “CEARÊS”: UM FENÔMENO OBSERVÁVEL NAS
FANPAGES DAS MÍDIAS SOCIAIS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus Cajazeiras* - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 29/03/2022

Banca Examinadora:



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Profa. Dra. Hérica Paiva Pereira
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 1)



Profa. Dra. Adriana Sidralle Rolim de Moura
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 2)

*Aos “excêntricos contidos”.
A todos aqueles que insistem em ver beleza nas
discrepâncias.*

Dedico

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades. Agradeço pelos teus planos para minha vida, pois tenho a certeza de serem sempre maiores que meus próprios sonhos. À minha mãe Imaculada Maria, seu manto me cobriu durante toda essa minha jornada, sou eternamente grata por tua intercessão.

Aos meus pais. Se mil vidas eu vivesse ainda assim não conseguiria agradecer pelo que fazem por mim. Vocês sempre serão meu espelho, sou grata aos céus pela honra de tê-los como pais.

Aos meus avós. Obrigada por me ensinarem que a vida pode ser doce. Dedico este trabalho, em especial, ao meu avô Zé Paulo (*in memoriam*) o mundo se tornava um lugar mais feliz visto através dos seus olhos. Obrigada por me ensinar a ver felicidade nas pequenas coisas, sinto saudades do carinho em forma de chocolates e salgadinhos. Te guardarei por toda a minha existência.

Aos meus tios e tias, vocês são tudo e mais um pouco. Obrigada por apoiarem meus sonhos e projetos. Agradeço, carinhosamente, a Tio Cielton, motorista particular oficial dessa jornada. Serei eternamente grata pelo seu incentivo!

À Deda. Obrigada pelo carinho e preocupação!

Aos meus amigos, Lariany e Nino. Obrigada pelos anos de gargalhadas! Vocês são alento. Agradeço por dividir o mesmo espaço-tempo com vocês.

Aos meus colegas de turma. Percorremos o mesmo caminho. Obrigada pela troca de experiência! Desejo uma boa jornada a todos daqui para frente!

Agradeço ao meu orientador Abdoral Inácio. Mais do que aquele que transmite conhecimento em sala de aula, você cria empatia com seus alunos. Tens minha gratidão!

À professora da disciplina TCC, Erlane. Obrigada pelo suporte, correções e incentivo!

Agradeço, em especial, aos membros da banca examinadora, pelo interesse e disponibilidade.

A todos os professores e professoras que me acompanharam ao longo do curso e que, com empenho, se dedicam à arte de ensinar. Gratidão!

*A diversidade promove a tolerância.
Quando você não encontra pessoas diferentes,
não percebe coisas, não percebe o quanto tem
em comum com elas.*

(Malala Yousafzai)

RESUMO

Os estudos na área da variação linguística, hoje, contemplam grande parte dos fenômenos observáveis do cotidiano, no que se refere à oralidade. Este trabalho questiona se a identidade regional de um povo admite ser retratada através da representação escrita do sotaque e expressões linguísticas sem que se levante o estigma do que é certo ou errado no falar de determinada região. Portanto, questionamentos como os seguintes fazem parte da discussão proposta no presente estudo: A identificação que muitos encontram nas publicações das páginas humorísticas levanta quais debates importantes acerca da identidade regional, linguística e cultural do povo cearense? De que forma esse debate reflete no estudo da temática em sala de aula? Quais reais fatores promovem a comicidade advinda das publicações que vinculam o “Cearês” como dialeto principal? Como objetivo geral, este trabalho buscou compreender as marcas da identidade e variação linguísticas, dispostas em um contexto regional, existentes nos enunciados das *fanpages* selecionadas. Este estudo ancora-se nos aportes de Bagno (1999; 2002; 2003; 2007); Bortoni-Ricardo (2004; 2005); Cascudo (2015); Labov (2008); Silva Neto (1952-1957; 1957), entre outros. O método de pesquisa utilizado é considerado qualitativo, junto a uma análise das publicações escolhidas, tendo em vista os processos que a envolvem, e é de caráter bibliográfico. Este estudo se volta para os conceitos de variação linguística e identidade a fim de que se possa estabelecer um panorama geral do tema, para que através disso, o debate estabelecido adentre aos conceitos sociolinguísticos que interligam essas duas temáticas, possibilitando, desse modo, o desenvolvimento de uma discussão que permite pontuar os fenômenos sociolinguísticos existentes na construção da representação do dialeto "Cearês" ou “Cearensês” disposto no material midiático escolhido. A análise do material seguirá as premissas de estudo de textos e enunciados, contemplando os conceitos, de antemão pontuados, acerca da variabilidade linguística e questões identitárias.

Palavras-chave: Variação linguística. Identidade. Preconceito linguístico.

ABSTRACT

The studies in the area of linguistic variation, today, contemplate a large part of the observable phenomena of everyday life, as far as orality is concerned. This paper questions whether the regional identity of a people can be portrayed through the written representation of accents and linguistic expressions without raising the stigma of what is right or wrong in the speech of a certain region. Therefore, questions such as the following are part of the discussion proposed in this study: The identification that many find in the publications of humorous pages raises what important debates about the regional, linguistic, and cultural identity of the people of Ceará? In what way does this debate reflect on the study of the theme in the classroom? What are the real factors that promote the comicality that comes from the publications that link "Cearês" as the main dialect? As a general goal, this paper sought to understand the marks of linguistic identity and variation, set in a regional context, existing in the statements of the selected fanpages. This study is anchored on the contributions of Bagno (1999; 2002; 2003; 2007); Bortoni-Ricardo (2004; 2005); Cascudo (2015); Labov (2008); Silva Neto (1952-1957; 1957), among others. The research method used is considered qualitative, along with an analysis of the chosen publications, in view of the processes that surround it, and is of a bibliographical nature. This study focuses on the concepts of linguistic variation and identity in order to establish a general panorama of the theme, so that, through this, the debate can enter the sociolinguistic concepts that interconnect these two themes, thus enabling the development of a discussion that allows us to point out the sociolinguistic phenomena existing in the construction of the representation of the dialect "Cearês" or "Cearensês" in the chosen media material. The analysis of the material will follow the premises of the study of texts and statements, contemplating the concepts, previously pointed out, about linguistic variability and identity issues.

Keywords: Linguistic variation. Identity. Linguistic prejudice.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	-	História dos estudos dialetais.....	20
Figura 2	-	Divisão proposta por Antenor Nascentes(1933/1953).....	22
Figura 3	-	Relação entre trabalhadora e cliente.....	30
Figura 4	-	<i>Post</i> de @opaidopingu.....	35
Figura 5	-	Cearês <i>versus</i> outros lugares.....	38
Figura 6	-	Arcaísmos e Cearês.....	41
Figura 7	-	Relação entre fala e escrita.....	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AliB	- Atlas Linguístico do Brasil
APFB	- Atlas Prévio dos Falares baianos
ALECE	- Atlas Linguístico do Estado do Ceará
ALSCE	- Atlas Linguístico dos Sertões Cearenses
CE	- Ceará
COELCE	- Companhia Energética do Ceará
CONCLA	- Comissão Nacional de Classificação
EALMG	- Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais
GL	- Geografia Linguística
HQs	- Revista em Quadrinhos
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MEC	- Ministério da Educação
LD	- Livro Didático
LP	- Língua Portuguesa
PB	- Português Brasileiro
PCN	- Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLD	- Programa Nacional do Livro Didático
TCC	- Trabalho de Conclusão de Curso
UAL	- Unidade Acadêmica de Letras
UFCG	- Universidade Federal de Campina Grande
VL	- Variação Linguística

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	COMPONENTES METODOLÓGICOS	15
2	A IDENTIDADE LINGUÍSTICA DE UM POVO: REFLEXOS NO DIALETO	18
2.1	BREVE PANORAMA DOS ESTUDOS DIALETAIS NO BRASIL	19
3	LÍNGUA E VARIAÇÃO	26
3.1	TIPOS DE VARIAÇÃO NA LÍNGUA	28
3.1.1	Variação diafásica	29
3.1.2	Variação diatópica	32
3.1.3	Variação diastrática	36
3.1.4	Variação diacrônica	40
3.1.5	Variação diamésica	43
4	CEARÊS E ESCRITA	49
4.1	VARIAÇÃO E SALA DE AULA	50
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	REFERÊNCIAS	55
	APÊNDICES	59
	APÊNDICE A – CARTILHA EDUCATIVA	60

1 INTRODUÇÃO

Os estudos voltados à área da variação linguística – VL contemplam, em grande parte, fenômenos observáveis que dispõem de referência relacionada à oralidade. Em geral, tomamos a fala como objeto marcado pela linguagem coloquial ou informal, ou seja, relativo ao cotidiano dos falantes, enquanto a escrita, em geral, está associada à linguagem culta ou formal, o que a condiciona às normas que constituem a gramática. Esse princípio, no entanto, pode ser facilmente contestado, se observarmos, por exemplo, o contexto de utilização do discurso que se emprega em determinadas situações comunicativas, contudo, é necessário partirmos dele.

Ao analisar um discurso partimos da prática linguística trabalhada dentro do campo da comunicação, o que sugere que a análise da estrutura de determinado texto parte, dentre outros, de compreender as construções ideológicas desenvolvidas a partir dele.

Foucault (1996) descreve a Ordem do Discurso como uma construção de características sociais. A promoção do contexto discursivo, portanto, é regida pela sociedade na qual esse se formula e é, conseqüentemente, por meio dela que se fundam as bases estruturais do texto em questão. Ao ser evocado, um texto só fará sentido para o receptor se esse for capaz de compreender o contexto de construção discursiva, considerando a atenção ao seu emissor, o que sugere a relação básica entre os elementos da comunicação verbal:

Emissor – Referente – Receptor.

Ainda dentro da perspectiva de Foucault (1996) as sociedades se ordenam em função do discurso daquele que detém o saber, portanto, para ele, dentro do contexto social existe uma relação íntima entre conhecimento e poder.

A sociolinguística compreende a língua como base da interação social, mudando e variando em decorrência do contexto sócio-histórico, trazendo a questão da VL para o cerne da discussão.

O processo de incidência da VL ocorre, de forma primária, entre fala e escrita, contudo as variações existem de modo similar, tanto na fala quanto na escrita. Os estudos linguísticos voltados à variação partem, em sua maioria, da fala, tendo em vista que é a partir dela que se originam os registros escritos, e é conseqüentemente nela que se encontram fenômenos de variabilidade linguística.

É importante compreendermos que o ato de escrever difere muito do ato de falar, e essa diferença se encontra essencialmente na presença do interlocutor no momento da fala e ausência do mesmo na construção da escrita. Portanto, discutir a VL a partir da escrita colide

com o conceito de certo e errado definido pela norma culta, pois se exclui da equação o aspecto social da língua, limitando-a a pura decodificação. Segundo Labov (2008, p. 42) na linguística descritiva os procedimentos se baseiam na compreensão da língua como um conjunto estruturado de normas sociais. Antes, segundo o autor, era comum considerar essas normas como imutáveis. Entretanto, ao nos depararmos com estudos mais aprofundados do contexto social em que a língua é utilizada vemos que muitos elementos da estrutura linguística estão permeados de variação sistemática que influencia tanto da mudança temporal quanto dos processos sociais extralinguísticos.

Dessa forma concebemos, portanto, a língua apenas dentro da perspectiva do ensino da gramática normativa, ainda amplamente defendida em função da ideia de auxiliar os alunos no processo de escrever melhor. Nesse sentido, Bagno (2002, p. 10) aponta que “é duvidoso que aquele ensino [gramatical] jamais tenha ajudado muita gente a escrever melhor, e é nítido que ele afugentou um grande número de pessoas”.

Candau *et al.* (2002, p.24) sugere que a “identidade é um conceito polissêmico, podendo representar o que uma pessoa tem de mais característico ou exclusivo, ao mesmo tempo em que indica que pertencemos ao mesmo grupo.”, esse conceito nos desperta para diferentes perspectivas, uma primeira que parte do contexto individual e uma segunda que configura a ideia de pertencimento e identificação, que visa o aspecto social. Ambas as perspectivas partem de um contexto de identificação.

Analisar o processo de variação ocorrido em determinada língua através de registros escritos é tarefa possível dentro do campo de estudo linguístico, em especial se levarmos em conta a difusão de conteúdo existente nos dias atuais com a larga escala de interação ocorrida através das mídias sociais.

Em vista disso, neste estudo questionamos se a identidade de um determinado povo admite ser retratada através da representação escrita do sotaque e expressões linguísticas sem que se levante o estigma do que é certo ou errado no falar de determinada região. Portanto, questionamentos como os seguintes farão parte da discussão proposta nesta pesquisa: A identificação que muitos encontram nas publicações das páginas humorísticas levantam quais debates importantes acerca da identidade regional, linguística e cultural do povo cearense? De que forma esse debate reflete no estudo da temática em sala de aula? Quais reais fatores promovem a comicidade advinda das publicações que vinculam o “Cearês” como dialeto principal?

Somente após compreender um fenômeno que se assemelha diretamente com sua realidade ou que vai de encontro com a identidade que é própria de um determinado povo, é

possível que se construam pontes para a ampliação do conhecimento popular. Através de uma visão discussiva acerca das publicações encontradas nas páginas humorísticas em questão será possível levantar um debate a respeito de quais fatores estão referendados no processo de variedade da língua, tomando como modelo o dialeto “Cearês”. Portanto, fomentando o debate relativo ao processo de variação da língua, será possível trazer ao público leitor um novo olhar para um tipo específico de falar típico, favorecendo o processo de naturalização de variantes da Língua Portuguesa (LP) e seu estudo.

Em função disso, o princípio norteador desta pesquisa parte do seguinte questionamento: Como a veiculação de materiais midiáticos que contemplam a diversidade existente em um dialeto específico, no caso o “Cearês”, pode auxiliar o público leitor na observação, identificação e naturalização das variantes existentes no Português falado?

Em virtude de promover uma ação resolutória da problemática aqui discutida, traçamos como objetivo geral: Compreender as marcas da identidade e variação linguísticas, dispostas em um contexto regional, existentes nos enunciados das fanpages selecionadas para realização deste estudo. Quanto aos objetivos específicos propomos: Conceituar as noções de identidade regional e variedade linguística; Pontuar os processos sociolinguísticos existentes na construção da representação do "Cearês" atribuído às publicações das fanpages; Investigar que caminhos podem ser encontrados através da tentativa de nortear os métodos de utilização de materiais midiáticos, voltados à compreensão da variedade linguística, para o ensino de LP.

Em vista dos objetivos citados, este estudo organiza-se em quatro capítulos, dos quais neste tratamos de elencar os elementos introdutórios, desse modo, apresentamos as justificativas e objetivos geral e específicos, além de organizar os componentes metodológicos que integraram a base desta pesquisa.

No segundo capítulo, intitulado “A identidade linguística de um povo: reflexos no dialeto” tratamos de percorrer os aspectos de maior relevância na definição de ‘identidade linguística’, afim de que fosse possível introduzir quais caminhos estariam referendados no fator identitário da língua. Para tal, compomos o tópico “Breve panorama dos estudos dialetais no Brasil”, em que refletimos sobre o processo histórico percorrido pelos estudos dialetais no Brasil, desde sua origem até chegar a fase de elaboração de atlas linguísticos referentes a região que compreende o estado do Ceará.

No terceiro capítulo buscamos examinar o que se tem produzido de concreto a respeito da temática da variação na língua. Com isso atribuímos o título de “Língua e variação” ao capítulo no qual desdobramos os conceitos diversos acerca da variação linguística, e através do subtópico “Tipos de variação na língua”, expusemos materiais midiáticos que contemplam

a variação linguística existente no falar típico da região cearense, do qual seguimos denominando como cearês, afim de que cada conceito de variação conhecido fosse discutido. Para isso fizemos uso dos subtópicos: “Variação diafásica” ; “Variação diatópica”; “Variação diastrática”; “Variação diacrônica” e “Variação diamésica”. Ainda nesse capítulo tecemos considerações a cerca da comicidade atribuída aos materiais expostos. No tópico “A comicidade dos *posts*” discutimos acerca dos conceitos de preconceito linguístico e a atribuição do riso como fator punitivo para fins de adequação social.

No quarto capítulo, propomos uma reflexão do uso da linguagem típica, em específico do falar cearense, no contexto social da qual integra, trazendo exemplo de um dos grandes nomes cearenses da literatura na utilização da representação falar regional na escrita, Patativa do Assaré. Construimos, ainda neste capítulo, o subtópico “Variação e sala de aula” onde percorremos o caminho da variação no ensino para assim seguirmos com uma proposta de intervenção que configura na construção de uma cartilha educativa acerca da temática da variação, tendo como público-alvo as turmas de Ensino Fundamental II.

Por fim, tecemos algumas considerações finais, seguido do referencial teórico que norteou esta pesquisa, além do apêndice, onde se encontra disponível a cartilha elaborada em função de promover a valorização das variantes da língua para consulta.

1.1 COMPONENTES METODOLÓGICOS

Neste estudo partiremos da representação da VL existente no dialeto de maior preponderância no estado do Ceará, popularmente conhecido como “Cearês”, em publicações de *fanpages* em diferentes mídias sociais, onde, através da escrita, as particularidades linguísticas do dialeto local são retratadas de forma cômica, a fim de entreter o público que comunga da mesma identidade linguística. Logo, o que se busca aqui é compreender como a veiculação de materiais midiáticos que contemplam a diversidade existente no dialeto “Cearês” pode auxiliar o público leitor na observação, identificação e naturalização das variantes existentes no português falado refletindo para um novo olhar acerca do estudo da VL em sala de aula, partindo de representações da realidade concreta de utilização da língua.

Nos capítulos seguintes tratamos de examinar os fatores que circundam a variabilidade existente em uma região expressiva, onde um grande número de pessoas comunga das mesmas especificidades linguísticas e culturais, representadas através de publicações de *fanpages* de redes sociais, o que fomenta a discussão dos usos de materiais midiáticos no ensino. Refletindo sobre o modo como essas publicações podem ser assimiladas pelo público, em especial o

usuário da rede social, é possível simular como esse tema será recepcionado no ambiente de ensino, ou seja, de que forma poderá ser apurado dentro do processo de ensino/aprendizagem, e assim contribuir de forma direta na área profissional do docente de LP, enriquecendo o desenvolvimento da temática em sala de aula.

Com a tentativa de compreender os fenômenos linguísticos ocorrentes em um determinado dialeto, no caso o “Cearês”, abarcando teorias de variabilidade e identidade linguísticas, conforme uma visão sociolinguística de estudo, e por meio de um material midiático de larga veiculação, podemos adentrar em uma singular perspectiva de estudo das variantes linguísticas. O método de pesquisa utilizado é considerado qualitativo, visto que proporcionará uma discussão acerca das teorias voltadas à variação e identidade linguística, junto a uma análise das publicações escolhidas, tendo em vista os processos que a envolvem, e de caráter bibliográfico, pois contará com uma reunião de textos que contemplam as referidas temáticas.

De início este estudo se volta para os conceitos de VL e identidade regional a fim de que se possa estabelecer um panorama geral do tema, para que através disso, o debate estabelecido adentre aos conceitos sociolinguísticos que interligam essas duas temáticas, possibilitando, desse modo, o desenvolvimento de uma discussão que permite pontuar os fenômenos sociolinguísticos existentes na construção da representação do dialeto "Cearês" ou “Cearensês” disposto no material midiático escolhido. A análise do material seguirá as premissas de estudo de textos e enunciados, contemplando os conceitos, de antemão pontuados, acerca da variabilidade linguística e questões identitárias.

Com isso, a discussão segue para o âmbito de sala de aula, ancorada na perspectiva dos usos desses materiais no ensino de LP, sobretudo no estudo das variações linguísticas no Português brasileiro – PB, tendo como exemplo de variante o falar regional do povo Cearense, contemplando a visão existente em torno dessa temática, e a forma que ainda é exposta nos Livros didáticos – LD, dentro da perspectiva de certo e errado, o que evidencia uma busca ideológica pela homogeneidade linguística, preconizada pelo ensino gramatical. O que se propõe é que seja aberta uma reflexão para os caminhos que podem ser encontrados na tentativa de inserir esse material, em especial, no ambiente de ensino, ponderando os métodos que melhor compreendem esse modelo de VL dentro do processo de ensino e aprendizagem. Para essa discussão, contou-se com o uso do material teórico que elenca as questões de ensino de LP, e estudo de variações linguísticas, a fim de que melhor se constitua essa investida de esquematizar os usos do material midiático em questão com conteúdo de ensino da língua. Por fim, traçamos uma proposta para a utilização desse tipo de ferramenta midiática no ensino

de LP, no que concerne aos estudos voltados para a variação linguística e estudo dos dialetos de uma região específica, nesse caso, o “ceará”. No capítulo seguinte trataremos de percorrer os aspectos de maior relevância na definição de ‘identidade linguística’, afim de que seja possível introduzir os caminhos estão referendados no fator identitário da língua.

2 A IDENTIDADE LINGÜÍSTICA DE UM POVO: REFLEXOS NO DIALETO

Na perspectiva atual, a sociedade encontra-se em uma espécie de carência identitária, essa pode, muitas vezes originar-se de fatores linguísticos. Castro (2007, p. 135) discute que “muitos teóricos, entre eles Silva (2000, 2002) e Hall (2000), acreditam que, nos tempos atuais, estamos à beira de um colapso de identidades.”, segundo a autora essa percepção mantém-se em razão das velhas identidades, que se estabilizaram por muito tempo no mundo, e hoje, presenciam o processo de declínio. Com isso, “[...] o homem que era visto e se sentia indivíduo unificado, percebeu-se envolvido com novas identidades e visivelmente fragmentado”¹.

Castro (2007) ainda considera, quanto a identidade linguística, que é necessário visualizar a ação da transformação do uso linguístico como o fator dominante no processo de evolução da língua, essa como fenômeno histórico social. Segundo ela:

É oportuno registrar que as mudanças lingüísticas não são prejudiciais e não trazem danos maléficos à sociedade, ao contrário, a diversidade torna visível uma particularidade humana, isto é, o uso das diversas possibilidades de um dos processos de linguagem e interação humana: a língua (CASTRO, 2007, p. 140).

Esses fatores ganham notória importância no nosso contexto, visto que, partindo de uma reflexão inicial, devemos levar em consideração que o território brasileiro possui dimensões geográficas continentais, por isso tais proporções propiciam, dentro de um mesmo território, a existência de diferentes falares. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE em dados da Comissão Nacional de Classificação – CONCLA, o Brasil ocupa uma área relativa a 8.510.345,538km² no planeta Terra, conforme Portaria nº 47, de 01 de março de 2021, sendo o quinto maior país do mundo em extensão territorial, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, China, Canadá e Rússia. Estima-se uma população 213.317.639 pessoas² distribuídas nos 5.568 municípios, mais Distrito Federal e Distrito Estadual de Fernando de Noronha. O fator geográfico discutido propicia uma diversidade de usos linguísticos que não deve, de forma alguma, ser vista como causa de empobrecimento para determinada língua, em especial ao PB. Com isso, se faz necessário compreendermos a validade das especificidades existentes na língua, resultante das diferentes alçadas sócio-comunicativas. Conforme propõe Castro:

¹ CASTRO, Antonilma Santos Almeida. Língua e identidade: problematizando a diversidade lingüística na escola. *Sitientibus*, Feira de Santana, n. 37, p. 135-149, jul./dez. 2007.

² Projeção feita pelo IBGE, datada de 1º de julho de 2021.

[...] para que esse entendimento do caráter da mudança e da diversidade/diferença seja compreendido de forma lúcida, e que se visualize a língua não como algo para se impor, para construir uma identidade forçada, faz-se necessário que exista uma concepção de língua voltada para a compreensão de que “identidade e diferença são criaturas da linguagem”. (CASTRO 2007, p. 140).

Como aponta Teyssier (2007, p. 111), no Brasil, a problemática que envolve a língua não se resume a um impasse entre gramáticos apenas. De acordo com o autor: “é um problema nacional da mais alta importância.” Com a conquista da Independência, o estudioso afirma que a população acreditava ser impossível que o país se consolidasse em originalidade, com cultura e literatura nacional, sem a existência de uma língua que fosse veículo de comunicação entre os diversos povos habitantes do território. “Esta questão, como seria de esperar, iria preocupar particularmente os escritores e os filólogos.” (TEYSSIER, 2007, p. 111), os gramáticos e filólogos, estudiosos da língua, foram grandes responsáveis por estabelecer a sistematização da língua escrita, contudo o o feito acabou gerando um distanciamento acentuado entre língua falada e língua escrita.

2.1 BREVE PANORAMA DOS ESTUDOS DIALETAIS NO BRASIL

Afim de que possamos assimilar brevemente os caminhos percorridos pelos estudos dialetais no Brasil, traçamos um panorama dos eventos de maior proeminência, tendo em vista uma divisão por fases evolutivas³, e levando em consideração os anos de publicação dos estudos e progressão das pesquisas no campo da variação, com objetivo de explorar as propostas de divisão dialetal para os falares brasileiros elaboradas até alcançar a concórdia mais recente das divisões dialetais do país, tomando como eixo os falares nordestinos, mais especificamente aquele que configura como falar típico do estado do Ceará.

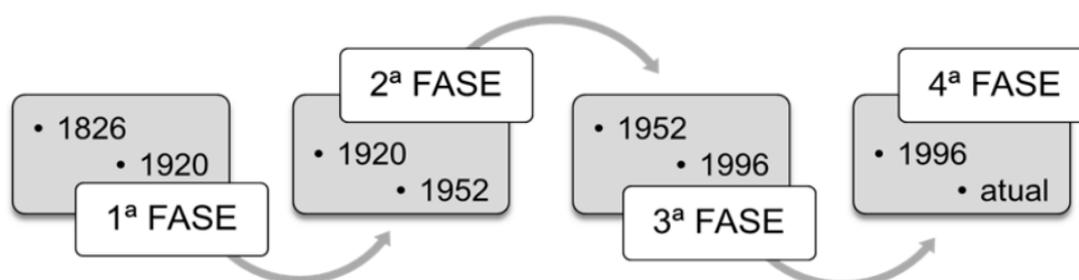
Existia, por parte dos estudiosos da Dialetologia, o interesse em dividir o país em áreas dialetais, baseado em dados *in loco*⁴. Duas das fases dos estudos em divisão dialetal seguem as hipóteses de Antenor Nascentes, uma que inicia de 1826 a 1920, com um texto inaugural do Visconde de Pedra Branca, intitulado *Les différences que le dialecte brésilien pourrait*

³ A divisão da história dos estudos dialetais no Brasil em quatro fases parte da pesquisa elaborada por Ribeiro (2012).

⁴ No próprio local.

présenter, compare à la langue du Portugal (1826), e vai até a publicação da obra *O dialeto caipira* (1920), de Amadeu Amaral, e outra segunda que inicia em 1920 até a adaptação de sua nova proposta em 1953. Outra proposta que periodiza os estudos dialetais é a de Ferreira e Cardoso (1994), reformulando a hipótese de 1953, de autoria de Nascentes, instituindo uma terceira fase, que se encerra com a pesquisa de Mota e Cardoso (2006) configurando uma quarta fase.

Figura 1 - História dos estudos dialetais no Brasil – periodização



Fonte: RIBEIRO (2012, p. 56).

A compreensão de uma vertente de estudos dialetais no Brasil inicia-se com o Visconde de Pedra Branca (Domingos Borges de Barros), no ano de 1826 que por solicitação do geógrafo Adrien Balbi, dá início ao que vem a ser conhecido como *Atlas ethnographique du globe*⁵. O escrito trazia algumas divergências, a nível lexical, observáveis no PB e português europeu e marca a primeira fase dos estudos dialetas no Brasil.

A diversidade de variações que surgem do PB amplia, no entanto, a proposta de Nascentes (1922) que, referenciando Serafim da Silva Neto⁶, aponta a dificuldade presente na tentativa de dividir o Brasil em áreas linguísticas. Conforme determina Nascentes (1922, p. 20) o que havia era: “a falta de determinação de isoglossas⁷”, ou seja, de acordo com o estudioso não existiam linhas que indicassem as áreas em que verdadeiramente se concentravam determinados traços linguísticos, dentro de uma perspectiva de mapeamento. Nesse período ganham destaque, portanto, as obras *O dialeto Caipira* com autoria de Amadeu de Amaral (1920), que abre a então segunda fase dos estudos dialetas no país, e *A Língua do*

⁵ A obra tinha como proposta descrever os territórios do globo de acordo com os povos que ali habitavam, levando em consideração a língua e os aspectos históricos e culturais de cada região.

⁶ *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil* (1950)

⁷ Seguindo uma perspectiva geográfica, isoglossas consistem em fronteiras virtuais que demarcam determinadas diferenças ou alterações fonéticas. Conforme Dicio, **Dicionário** Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/malinando/>. Acesso em: 27 fev. 2022.

Nordeste, de Mário Marroquim (1934).

Ao compreender as hipóteses de divisão dialetal do Brasil existentes, em Nascentes (1922) foram consideradas as propostas apresentadas por: Júlio Ribeiro (1891), publicado em a *Introdução à História da literatura Portuguesa de Mendes dos Remédios* que era orientada por aspectos geográficos e subdividia o país em quatro grandes áreas: Norte, Leste, Centro e Sul; a proposta de Maximino Maciel (1950), que se encontra mais tarde em artigo de Silva Neto⁸, e dividia o país em três grandes áreas: basilo-guianense ou setentrional, idiodialetos estaduais ou centrais e basilocastelhano ou meridional; e por fim, considerou-se a proposta de Rodolfo Garcia presente em *Dicionário de brasileirismos: peculiaridades pernambucanas* (1915) e propunha a divisão em cinco grandes áreas: Norte, Norte-Oriental, Central-Marítima, Meridional e Altiplana-Central.

Em Nascentes (1922) desenvolveu-se uma repartição do Brasil em áreas linguísticas modificando a divisão cunhada por Rodolfo Garcia (1915). Para ele o panorama dialetal do Brasil repartiria-se de acordo com as áreas: Nortista, Fluminense, Sertanejo e Sulista. Após críticas proferidas por Lindolfo Gomes, na *Revista de Filologia da História II*, Antenor Nascentes, ao publicar a segunda edição do seu livro *Linguajar Carioca* (1953), declara que “Quando fiz aquela divisão, havia percorrido pequena parte do nosso território” (p. 23), e logo acrescenta:

Hoje que já realizei o meu ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá, fiz nova divisão que não considero nem posso considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade. [...]. Dividi o falar brasileiro em seis subfalares que reuni em dois grupos a que chamei do norte e do sul. (NASCENTES, 1953, p. 24-25).

Com isso, a proposta de 1922 passa por modificações que, mais tarde, em 1955, o autor consolida no o que vem a ser conhecido por mapa dialetológico do Brasil, conforme podemos observar na representação a seguir:

⁸ Nascentes (1922): “v. artigo de Serafim da Silva Neto em A Manhã de 17 de janeiro de 1950”. (BARBADINHO NETO, p. 691, 2003).

Figura 2 - Divisão proposta por Antenor Nascentes (1933/1953)



Fonte: Barbadinho Neto (2003, p. 700).

O autor afirma: “Criei uma zona Norte para Amazonas e Pará, constituí uma zona Nordeste com o litoral, do Maranhão ao norte do Espírito Santo, passei o Sul de Minas para o subdialeto sulista” (NASCENTES, 1953, p. 23-24). Com isso, a proposta inicial é reformulada e os dois grandes grupos são subdivididos em: subfalares do Norte (Amazônico e Nordestino), e Sul (Baiano, Sulista, Mineiro e Fluminense). O território incharacterístico (divisa entre os estados de Mato Grosso, Pará e Amazonas) é também incorporado.

Nascentes justificava sua proposta com base na abertura e cadência das vogais médias em pretônicas, aliado ao fator da entonação existente. O autor destacou dois aspectos da variação fonética do PB, sendo eles “a cadência e a existência de pretônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios em mente” (NASCENTES, 1953, p.25) tratava-se, portanto, da pronúncia das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ aliado a existência de um traço prosódico⁹ que ele definiu como cadência.

⁹ Traços de variação da fala que envolvem mais do que um segmento, mais do que uma consoante, vogal ou semivogal. Os principais traços suprasegmentais ou prosódicos são o acento, a duração, o tom e a entoação. INSTITUTO DE LINGÜÍSTICA TEÓRICA E EDUCACIONAL. Portal da Língua Portuguesa. Dicionário de Termos Linguísticos. [S. l.], 2007-2010. Disponível em: <<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=652#>>. Acesso em: 27 fev.

A partir da instituição do Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa¹⁰, inicia-se a terceira fase dos estudos dialetais. Ainda nesse período, em 1996, retoma-se o projeto para criação de um atlas linguístico nacional, o *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* (AliB). Destaca-se em seu §3º:

A Comissão de Filologia promoverá pesquisas em todo o vasto campo de filologia portuguesa-fonologia, morfológicas, sintáticas, léxicas, etimológicas, métricas, onomatológicas, dialetológicas bibliográficas, históricas, literárias, problemas de texto, de fontes, de Autoria, de influências, sendo sua finalidade principal a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.

Com isso, tem início o período da Dialectologia¹¹, marcado pelo estudo em Geografia Linguística (GL) no Brasil. Além da elaboração de pesquisas voltadas para o estudo da linguística no país e atlas regionais e estaduais, destaque para o *Atlas Prévio dos Falares baianos* – APFB (1963), de Nelson Rossi, sendo o primeiro estudo em GL levantado no Brasil.

Pode-se afirmar que o Atlas prévios dos Falares Baianos de Rossi et alii (1963) marca o início da pesquisa dialetológica, propriamente dita, resultante da pesquisa de campo. É o primeiro trabalho que emprega de forma sistemática uma metodologia científica e a ele se seguiram outros: O Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais, Atlas Linguístico do Sergipe I, mais recentemente, o II -, Atlas Linguístico da Paraíba, o Atlas linguístico do Paraná, para citar apenas alguns. (CALLOU, 2010, p. 32).

Em Cardoso (1986) utilizou-se registros do APFB e do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* – EALMG para averiguar as ocorrências das vogais médias pretônicas nas duas áreas e confirmou-se que a isoglossa estabelecida por Nascentes para essa região coincidia com os dados geolinguísticos atuais.

Desse modo, no que tange à contribuição do entendimento acerca da divisão das áreas dialetais brasileiras, com utilização de dados do Projeto AliB, traremos algumas evidências discutidas no trabalho desenvolvido por Ribeiro (2012):

À respeito da área classificada como de preponderância ao subfalar baiano, Ribeiro (2012) propôs avaliar a veracidade da repartição estabelecida por Nascentes, para isso, fez uso das elocuições de 244 informantes de 57 locais da região, a qual optou por denominar como área de controle. Essa compreendia 11 estados, ao longo de quatro regiões brasileiras. Para tal,

2022

¹⁰ BRASIL. Decreto n.º 30.643, de 20 de março de 1952. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre seu funcionamento.

¹¹ Alguns dialetólogos, empenhados nos estudos da Geografia Linguística no Brasil, destaque como percussores são: Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi.

a autora coletou as denominações correspondentes as treze questões do campo temático referente aos jogos e diversões infantis, pertencente ao questionário semântico/lexical do Projeto ALiB.

Ao finalizar seu estudo com base no *corpus* do Projeto ALiB, Ribeiro (2012) determina que a proposta de Nascentes (1953) apresenta um nível real de veracidade, que pode ser constatada no estudo concreto da realidade, contudo, os limites determinados por Nascentes ainda não deveriam ser limitados ou ampliados sem o conhecimento mais aprofundado das áreas limítrofes.

A dificuldade encontrada pelos estudos dialetológicos no desenvolvimento dos seus propósitos é fator preocupante. O tempo de desenvolvimento de um atlas linguístico que contemple a região pertencente ao estado do Ceará perdurou cerca de três décadas sendo finalmente publicado no ano de 2010 com o *Atlas Linguístico do Estado do Ceará – ALECE* constituído de dois volumes, contando como membros da equipe coordenadora Alexandre F. Caskey, José Carlos Gonçalves, Mário Roberto Lobuglio Zágari e José Rogério Fontenele Bessa¹².

A estrutura do ALECE conta com dois volumes, dos quais no primeiro encontra-se a Introdução, através da qual são abordados os antecedentes históricos, a orientação teórica e a metodologia; e no segundo volume apresenta-se os Cartogramas, totalizando o número de 256, nesse estão dispostos as cartas lexicais e um glossário, onde sucede a bibliografia geral e as referências lexicográficas utilizadas.

Nos cartogramas, estão localizados dados lexicais e fonéticos que traçam um mapa dos resultados do estudo feito em 70 locais e dados obtidos através de 4 informantes por área, observando um número igualitário entre os gêneros e entre não alfabetizados e indivíduos com o ensino fundamental completo, compreendendo uma faixa etária entre 30 e 60 anos.

Para a variável de localização geográfica, a ALECE (2010) admite: “fator de identidade linguística e a compreensão desta assertiva reside no comportamento dos falantes, que reagem sempre, de algum modo, a qualquer manifestação linguística estranha ao uso da língua em sua comunidade” (BESSA, 2010, p. 73). Com isso, os dados do estudo nos permite interligar os fatores geográficos como grandes influenciadores no desenvolvimento de diferenças dialetais.

Ainda seguindo a perspectiva da pesquisa linguística dentro âmbito do falar cearense, um estudo realizado por Lima (2019) para defesa da sua tese de doutorado, propõe documentar o falar cearense, em especial na mesorregião Sertões Cearenses, através da elaboração de um

¹² Coordenador geral e coordenador da publicação.

Atlas Linguístico dos Sertões Cearenses – ALSCE, seguindo os princípios da Geolinguística moderna, através do registro de parâmetros diatópicos e diastráticos do espaço geográfico.

Para o estudo foram utilizadas três variáveis de controle: sexo, idade e escolaridade. A autora utilizou 9 locais de inquérito, em que 8 pessoas em cada local foram entrevistadas, totalizando 72 informantes. Em número igualitário de mulheres e homens entrevistados, com idades entre 18 e 30 anos e 45 e 60 anos, e grau de escolaridade em duas modalidades: até o ensino médio e com ensino superior. Quanto aos questionários para obtenção dos dados coletados foram utilizados o Questionário Semântico lexical e o Questionário Morfossintático, ambos do Projeto ALiB. Com isso, foram produzidas 80 cartas semântico-lexicais, compreendendo todos os itens lexicais abordados pelos atlas de produção estadual, e 30 cartas morfossintáticas, onde abordava-se os aspectos de maior relevância ao campo morfossintático no falar cearense, totalizando 110 cartas linguísticas.¹³

Nas considerações finais de seu estudo, a autora considera a existência de algumas “percepções factíveis” observadas no decorrer da pesquisa. Constatou-se que o falar cearense segue o padrão da ocupação dos “sertões de fora”¹⁴ e, como a mesorregião do estudo se localiza no início do centro do Estado, em direção oeste, serve de ponto de passagem para as rotas que seguem destinadas à capital. O que permite observar que as características linguísticas seguem essa mesma rota.

A autora afirma que “Esta constatação é verificada principalmente pela realização do processo fonético/fonológico de palatização das consoantes linguodentais [t] e [d], registrados durante os inquéritos realizados nas cidades selecionadas.” (LIMA, 2019, p.305), e reitera que apesar de esse não ser o objeto de estudo de sua pesquisa, é pertinente que se observe esse fenômeno existente na rota entre as cidades de Aiuaba e Quixadá, onde a utilização das linguodentais era mais evidente em Aiuaba-CE, no lado oeste, ao passo que a palatização era bem mais expressiva em Quixadá-CE, localizado no centro-leste do estado. Em palavras como tia e dia, por exemplo, o fenômeno das linguodentais [di] e [ti] sem palatização, coexistiam com as formas [dʒ] e [tʃ] palatizadas.

3 LÍNGUA E VARIAÇÃO

¹³ Dados da pesquisa de LIMA, Fabiana dos Santos. **Atlas Linguístico dos Sertões Cearenses (ALSCE)**. 2019. 333f - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2019.

¹⁴ A autora explica, mais adiante que tratava-se de uma: “política expansionista da coroa portuguesa quando ainda era capitania, ou seja, seguiu o caminho construído de acordo com a ocupação das sesmarias, da rota da carne de charque e do algodão.” (LIMA, 2019, p. 305).

A ideia de compreender a língua como objeto de estudo despertou nos teóricos a necessidade de compreender o conceito dessa, não limitando a sua percepção a uma contínuo de códigos verbais, mas expandindo seu entendimento a um conjunto complexo de fenômenos que se desenvolvem e são compartilhados por determinada comunidade de fala. Castilho (2000, p. 12) apresenta uma proposta que nos permite compreender de que maneira podemos entender a língua inicialmente como:

um conjunto de usos concretos, historicamente situados, que envolvem sempre um locutor e um interlocutor, localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico conversacional previamente negociado. [...] é um fenômeno funcionalmente heterogêneo, representável por meio de regras variáveis socialmente motivadas.

Seguindo a perspectiva de Castilho (2000), apontamos, essencialmente, para a característica da heterogeneidade condicionada a tal fenômeno. Ao nos depararmos com o estudo aprofundado de uma língua específica, notamos a existência de diferentes ramificações que diferem, em sua apresentação, das normas padrões dessa língua em questão. No campo da sociolinguística, as variações que podem suceder em determinados falares ocorrem nas mais diversas culturas e devido a fatores distintos, o que nos permite afirmar que a língua é composta, essencialmente, por diferentes variantes.

Partindo do pressuposto de que a sociedade está dividida em diferentes comunidades e elas são singulares, porque cada uma tem a sua própria história, sua própria cultura e essas peculiaridades estão na língua de cada comunidade, temos então diversas formas de falar, ou seja, a língua está sujeita a variações. Pois empiricamente a língua é o próprio conjunto das variedades. Trata-se, portanto, de uma realidade intrinsecamente heterogênea. (FARACO, 2008, p. 33).

Essa heterogeneidade linguística, apontada por Faraco (2008), por si só nos leva a afirmar que a língua é objeto de variação. Esse fenômeno nos sugere que a língua é objeto passível de mudanças, em consequência de aspectos distintos, ou mesmo através da união de um ou mais desses. Com efeito, surgem dentro do campo de atuação da linguagem o que se considera, de acordo com a sociolinguística, Variação Linguística.

A busca pela homogeneidade linguística, nesse caso, se constitui como uma tentativa utópica de idealizar um fenômeno flúido e maleável. Nesse sentido, não se pode definir a língua como única, constante e fixa, portanto, homogênea. Do contrário, a língua segue uma grande diversidade de formas, podendo muitas vezes coexistirem línguas diversas em um

mesmo espaço, o que se concebe como multilinguismo¹⁵. Essa perspectiva homogênea é discutida por Bagno (2003, p. 16) que aponta: “[...] se formos acreditar no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder — são os sem-língua”.

Essa tentativa de unificar a língua de modo que as VL’s sejam reprimidas e reconhecidas como inválidas desqualifica uma parte substancial dos falantes de serem considerados falantes legítimos, visto que não seguem o mesmo nível hierárquico daqueles que dominam o padrão linguístico, vistos como mais eruditos. No Brasil, a grande diversidade dialetal existente inabilita, por assim dizer, uma quase totalidade de falantes da Língua Portuguesa (LP) de serem considerados, de fato, falantes da língua.

No que se refere ao ensino de LP, o que ocorre é uma tentativa de padronizar a língua aos moldes do ensino da gramática normativa ou tradicional. Essa discussão já é antiga dentro do campo linguístico e nos proporciona, até o momento presente, renomados estudos voltados à discussão acerca dos fatores que circundam tal evento, dentre eles vale destacar o panorama estabelecido por Bagno (2002), no capítulo *Língua, História & Sociedade. Breve retrospecto da norma-padrão brasileira* em sua obra *Linguística da norma*, onde alerta para a ambiguidade existente dentro do conceito de norma e do qual discorre em um artigo¹⁶ de sua autoria. Aqui o autor considera esse conceito como sendo um dos objetos de interesse da sociologia da linguagem mais relevantes (BAGNO, 2012, p. 20). Ao comparar as diferentes definições dadas por uma enciclopédia para a palavra norma o autor questiona como, em mesmo campo de investigação, utilizar um único termo para o que é ‘preceito estabelecido’ e para o que é ‘uso corrente’, e segue afirmando que muitos autores destacam o fato de que a partir do substantivo ‘norma’ derivam os adjetivos normal e normativo. Com isso pontua:

Essa duplicidade de sentidos registrada no dicionário, e detectada por Aléong e Rey, aparece muito claramente no discurso das pessoas que falam sobre a língua, seja no campo da investigação científica ou na abordagem leiga do tema. Para piorar a situação, a palavra norma quase nunca anda sozinha. Ela frequentemente vem seguida de algum qualificativo que tenta defini-la de modo mais específico. (BAGNO 2012, p.21)

Essa dita atribuição de adjetivos indicada por Bagno para a palavra norma comumente

¹⁵ Zimmer, Finger e Scherer (2008, p.5) admitem o multilinguismo como o uso de mais de duas línguas.

¹⁶ BAGNO, Marcos. Norma linguística, hibridismo & tradução. Traduzires, v. 1, n. 1, 2012. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/traduzires/article/view/6652/5368>. Acesso em: 25 fev 2022.

é validada ao nos depararmos com o conceito de norma culta ou norma padrão, termos como esses nos fazem questionar, assim como faz Bagno em seu estudo, a que, afinal, se refere esta norma acompanhada de adjetivos? Seria aquilo que é recorrente, ou mesmo comum? ou aquilo que deveria assim ser? Ainda segundo Bagno (2012, p. 21): “A maior dificuldade em lidar com a norma culta é precisamente o fato de ela ter dupla personalidade, o fato de por trás desse rótulo – norma culta – se esconderem dois conceitos opostos no que diz respeito à língua que falamos e escrevemos.”

Contudo, nesta investigação partiremos da percepção do ensino de LP hoje no Brasil, com isso levaremos em conta que, apesar dos significativos avanços ao longo dos anos, o que persiste dentro do processo de ensino, muitas vezes, vem a ser uma tentativa assertiva de idealização linguística, visando à imposição de uma normatividade, o que acaba por deixar de lado dois dos coeficientes de maior peso dentro desta equação.

Em primeiro lugar, a presente realidade de estarmos tratando de uma língua que dispõe de um considerável número de fenômenos de variação, e em segundo, não ligar isso ao fato de que essa mesma língua conta como falante um povo que é resultado da diversidade proporcionada pela miscigenação. Essa conta, dentro do processo de ensino de LP, não fecha, em especial, se observarmos que não tomamos como parte integrante da equação o fator X: a variação, essa como potencial a ser discutido.

3.1 TIPOS DE VARIAÇÃO NA LÍNGUA

Segundo Labov (2008) em todos os níveis da língua, ocorrem variações, sejam essas: fonético-fonológica; morfológica; sintática; semântica; lexical; ou estilístico-pragmática, contudo o teórico pontua que essas variações não advêm do acaso, mas de forma organizada e originada por fatores linguísticos e extralinguísticos, dos quais, dentre muitos possíveis, destacam-se: a origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho, e comportamento nas redes sociais.

A sociolinguística classifica as variações, que podem ocorrer em determinada língua, em diferentes categorias das quais elencamos cinco a serem discutidas. Uma língua apresenta, pelo menos, três tipos de diferenças internas, são elas: diafásicas (estilísticas), diatópicas (regionais ou geográficas), diastráticas (sociais), além dessas, discutiremos a perspectiva da variação dentro do conceito diacrônico (históricas) e diamésico.

Neste estudo propomos uma análise dos fenômenos de variação presentes em publicações humorísticas de plataformas sociais. Com isso, utilizaremos os conceitos de

classes de VL para podermos melhor apontar as diferenças existentes na representação do falar típico da região cearense, de modo que não se faça necessário isolar os fenômenos observáveis, seguindo, dessa forma uma proposta de estudo que leva em consideração o uso concreto, ainda que de maneira representativa, do falar “ceará”.

Ainda que as publicações estejam classificadas de acordo com um tipo específico de variação não é admitido, de forma alguma, que todos os fenômenos observáveis nos cenários de representação sejam exclusivos ao tipo de variação referente. As formas de variação são diversas e do mesmo modo que surgem em situações múltiplas podem também coexistir entre elas.

3.1.1 Variação diafásica

A língua tende a adaptar-se ao contexto em que é utilizada. A variação, nesse caso, surge conforme os papéis sociais em que se encontram os interlocutores e com o contexto da situação em questão. Esse tipo de variação, chamada diafásica (mas também de variação contextual ou de registro) ocorre nas manifestações comunicativas diversas do cotidiano. A maior formalidade atribuída ao discurso em contextos que pedem por tal e a informalidade nas conversações que fazem uso da linguagem coloquial são exemplos de ambientes em que esse tipo de variação se manifesta. No ambiente escolar, por exemplo, os professores tendem a utilizar uma linguagem mais formal do que os alunos.

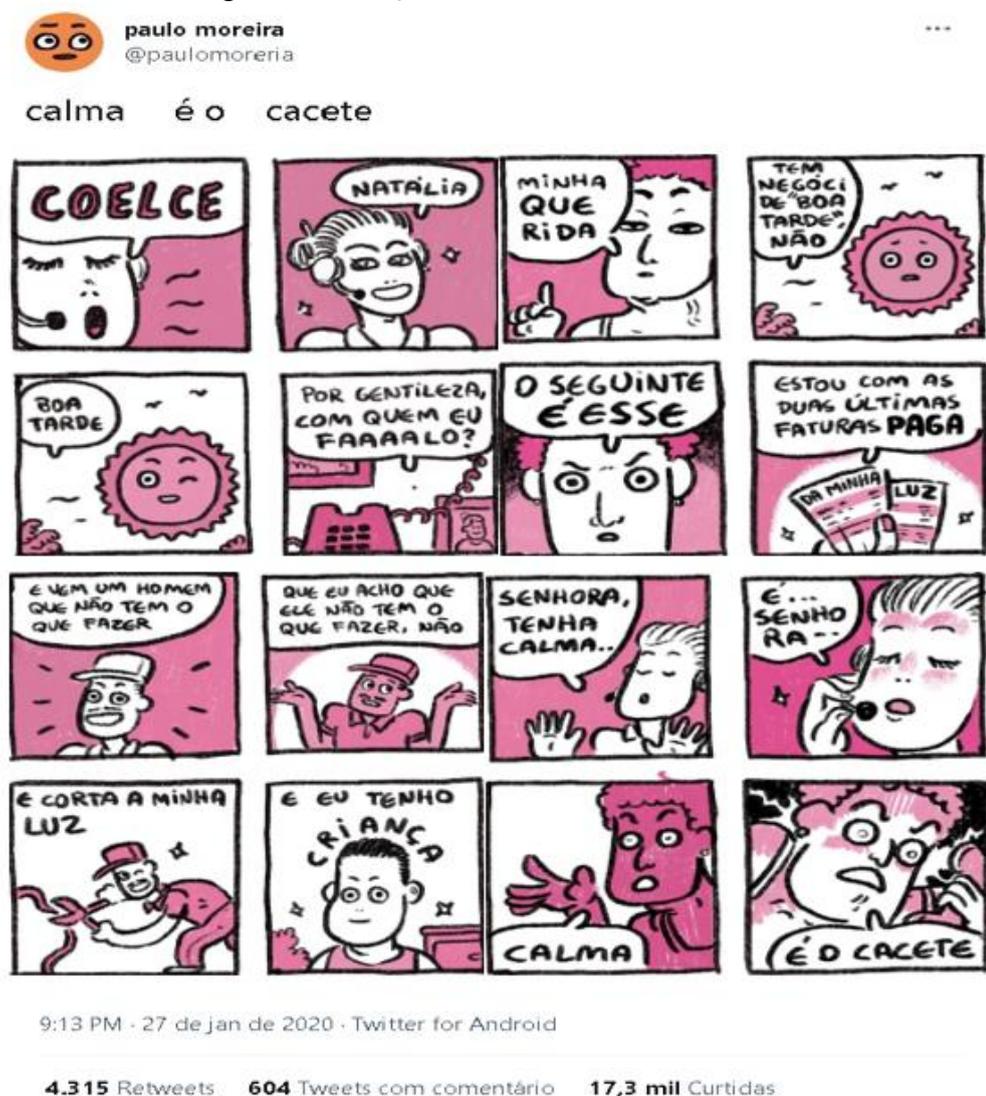
Esse fenômeno pode ser associado aos tipos de domínio. De acordo com BORTONI-RICARDO (2004) podemos obter maior ou menor formalidade entre domínios mediados pela língua escrita e domínios mediados pela língua oral; entre o espaço de sala de aula e o espaço dos corredores, por exemplo. Portanto, nesse sentido, o contexto exige certa adaptação linguística, o que acarreta na maioria das vezes uma ocultação das demais variações vigentes possibilitando, por exemplo, que falantes de um mesmo dialeto, colocados em lados distintos do contexto empregado, se portem linguisticamente também de maneira diferente.

Um caso de situação comunicativa em que ocorre a necessidade de uma padronização linguística, por assim dizer, são os atendimentos via *telemarketing*. Apesar de os interlocutores desse contexto comunicativo em determinadas situações comungarem da mesma faixa etária, região ou condição socioeconômica o contexto de adaptação estilística se sobressai.

A Histórias em Quadrinhos (HQ) de Paulo Moreira, artista paraibano, ilustra um diálogo entre Natália, uma agente de *telemarketing* e uma consumidora dos serviços da

COELCE¹⁷. A ligação em questão retrata a reclamação, por parte da cliente, de um corte irregular, que na realidade não passou de um treinamento realizado pela empresa CONTAX (grupo de *call center*) demonstrando uma das formas de como não abordar um consumidor que viesse a demonstrar indignação em uma ligação. O fragmento da HQ¹⁸ de Paulo Moreira faz referência a um áudio que se tornou viral nas redes sociais, e ficou conhecido como *meme* de “Izolda e Natália da Coelce”. Abaixo podemos observar o *Tweet* do próprio autor com um trecho da sua HQ:

Figura 3 – Relação entre trabalhadora e cliente



Fonte: *Twitter* @paulomoreria (2022).

A arte de Paulo Moreira ilustra de forma majestosa o diálogo gerado a partir de uma

¹⁷ Companhia energética que atuou na distribuição energética do Ceará até o ano de 2016.

¹⁸ MOREIRA, Paulo. *Coelce*. Natália. 1. ed. Brasil: Independente, 2020.

situação cotidiana, apresentando a relação entre trabalhadora e cliente. O linguajar polido utilizado pela atendente, que fala pausadamente, vemos no: “**faaaalo?**” do primeiro quadrinho e no uso recorrente das reticências, e que mantém uma postura serena, ao fazer uso de marcadores discursivos : “**por gentileza?**”, indicam a existência de um protocolo linguístico a ser seguido, visto que do outro lado da linha se encontra uma cliente visivelmente indignada pela suposta quebra de acordo por parte da companhia elétrica.

Em uma primeira leitura é possível que se levantem opiniões que apontem para um mau julgamento em relação à consumidora. Contudo, é necessário compreender que muitas vezes empresas que fornecem serviços, a exemplo das companhias elétricas, possuem táticas específicas para que se cumpra o protocolo corporativo. O comum é que o servidor acate a ordem da fornecedora elétrica e rompa com o fornecimento energético da residência para qual foi estabelecido o corte. O suporte de atendimento em *telemarketing* realiza a interlocução com o consumidor, o que facilita uma desresponsabilização da empresa contratada a respeito do tratamento que é oferecido ao consumidor, o que acaba por gerar dor de cabeça para o cliente que sai sem uma resposta concreta.

A atendente ilustrada em momento algum faz uso de uma linguagem descortês, o que não dá outra escolha à consumidora que não seja tentar impôr-se, ainda que verbalmente, o que constituiu uma situação de constrangimento e ataque, apesar de não dirigidos diretamente à servidora em um primeiro momento, mas à empresa, acabam respingando em quem está em contato direto, nesse caso a agente.

A VL, nesse caso, propicia diferentes apontamentos, especialmente em função do contexto em que se encontra. Um diálogo entre uma servidora pouco solícita e uma cliente indignada nos permite observar marcadores claros, em primeiro lugar e já apontados de uma tentativa de linguagem serena e polida por parte da atendente e seu direto oposto, em contrapartida, uma cliente enfurecida que dispensa lapidações linguísticas, como bem representa o autor através de uma descrição fiel do que vem a ser o dialeto de uma comum dona de casa cearense, vemos no uso de expressões bem típicas como “**o seguinte é esse**” e ainda a ausência de concordância verbal em determinadas palavras evidenciando o fato.

3.1.2 Variação diatópica

As variações de ordem regional ou geográfica, como bem pontua Mussalim e Bentes (2006, p. 34): “diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas” também podendo ser chamadas de variações diatópicas,

compreendem as diferenças que ocorrem entre distintas regiões ou mesmo países que compartilham uma mesma língua. Como, respectivamente, ocorre no caso do Português falado entre países distintos (Brasil, Portugal, Angola, *etc.*) e o Português falado no Brasil, por exemplo, manifestado entre cada uma de suas regiões. Parafrazeando Saramago (2004) “quase me apetece dizer que não há uma língua portuguesa, há línguas em português.”.

Em um país com dimensões geográficas continentais, como é o caso do Brasil, VL's diversas tendem a surgir a partir da língua determinada. Essas diferenciações ocorrem em caráter fonético/fonológico, morfológico ou lexical e são facilmente constatadas se compararmos falantes de diferentes regiões, por exemplo.

Ao levarmos em consideração os dialetos da região nordeste, observamos a quantidade extensiva de falares que perpassam as barreiras geográficas, podendo muitas vezes acontecer de um dialeto típico compartilhar, dentro de um mesmo estado, espaço com outro falar distinto. Contudo, ao passo que essas diferenciações ocorrem em determinado aspecto linguístico, os dialetos que ocupam um espaço geográfico relativamente próximo por vezes compartilham em essência de características linguísticas muito semelhantes, ou idênticas. Esse fenômeno, aparentemente tende a diminuir, conforme a distância geográfica entra em questão. Nesse sentido, linguagem e cultura se diversificam, ao passo que tanto as características culturais quanto linguísticas conseguem por si só delimitar, dentro de um modelo observável, a diferença existente entre sujeitos.

Nas publicações de uma *fanpage* do *Instagram*, de nome de usuário *@opaidoping*, são retratadas cenas dos episódios de uma série de animação, criado por Otmar Gutmann com produção em *stop-motion* em estilo *claymation* com criação na Suíça e Reino Unido pela *Trickfilmstudio* de 1986 a 2000 e *HIT Entertainment* e *Hot Animation* que assumiram essas funções em 2003, eram utilizados bonecos de massinha e materiais diversos para dar vida aos personagens. Voltada ao público infantil, a série original tinha como protagonista *Pingu*¹⁹ personagem título da animação que levava seu nome. O protagonista é um pinguim de 5 anos de idade que vive com a família no Pólo Sul. O pai do personagem é carteiro, a mãe é dona de casa, juntos a irmã menor de Pingu, chamada Pingá, moram em um iglu "classe média" com dois quartos, banheiro, um ambiente sala/cozinha com sofá, mesa, fogão e telefone. Além dos familiares, Pingu tem um melhor amigo, a foca Robby, e dois grandes colegas de classe chamados Punky e Pingo, que surgem vez ou outra no decorrer dos episódios. A última personagem a surgir na série é Pingi, namorada de Pingu.

¹⁹ PINGU WIKI. **Pingu**. Disponível em: <<https://pingu.fandom.com/pt-br/wiki/Pingu>>. Acesso em: 4 fev. 2022. PINGU BRASIL. **Quem é Pingu?** Disponível em: <<http://pingubrasil.com.br>>. Acesso em: 4 fev. 2022.

Os personagens da série falam "pinguish" ou "pinguinês", uma língua fictícia caracterizada por uma sequência de sons não identificáveis. A compreensão, portanto não depende das falas, mas do enredo, o que torna a série universal. No Brasil, algumas emissoras transmitem o programa, entre elas a TV Cultura. A animação de poucos minutos foi marco na infância de muitos brasileiros. A *fanpage* intitulada *@opaidopingu* hoje conta com cerca de 120 mil seguidores na plataforma *Instagram*²⁰, nos memes produzidos são adicionadas falas aos personagens, modificando o contexto da cena original e trazendo uma nova perspectiva, seguindo o princípio humorístico do gênero *meme*, entretando, a escrita adotada não segue a padronização gramática da LP, ao contrário, os enunciados tentam reproduzir o falar típico predominante na região nordeste do país, mais especificamente do estado do Ceará, podendo ainda ter traços semelhantes ao falar pertencente aos falares típicos do Piauí e Maranhão.

A depender da região em que determinado fenômeno ocorre, esse pode adotar diferenças pontuais em sua constituição. Seja na arte, linguagem, culinária ou estética as percepções do modo como se constitui determinado feito tendem a sofrer mudanças que, muitas vezes, alteram por completo o seu conceito, por ação daqueles que o fazem.

Em regiões distintas é coerente que determinados traços culturais sofram mudanças significativas. Em especial, se uma determinada cultura engloba outras diversas ao seu repertório. Na culinária do Brasil uma discussão se fez recorrente nos últimos tempos, principalmente através das redes sociais. Trata-se do embate gastronômico entre o cuscuz nordestino e o cuscuz paulista. O debate ainda gera diversas *replies* na plataforma *Twitter* e *Facebook*, onde parte dos usuários argumentam não admitir o cuscuz paulista como, de fato, cuscuz, enquanto a outra metade aprecia a iguaria.

A farinha do milho ainda é muito consumida no país através do preparo do cuscuz. Antes servia como alimento para as pessoas que eram escravizadas e os bandeirantes. Era misturada com carne seca e socada no pilão, como bem pontua Lima (1999). A iguaria se popularizou e ganhou outras versões, a partir do século XVII, de norte a sul do Brasil (FREIXA; CHAVES, 2009). A diferença dos pratos está nos ingredientes do preparo e na farinha utilizada, em alguns estados é comum que se acrescenta flocos de arroz na farinha de milho. O preparo do cuscuz paulista pode ser feito tanto em uma panela quanto numa forma redonda que tenha furo, sem fazer uso do cuscuzeiro, muito comum no cozimento do prato nos lares nordestinos. O cuscuz nordestino é comumente consumido com leite ou com acompanhamentos como: margarina, ovos, carne seca, frango, embutidos ou pirão. Também

²⁰ Até o momento da produção deste estudo em 4 fev. 2022. Não foram levados em consideração os números relativos a atividade da página em outras redes.

tem sua versão com flocos de arroz. Já o cuscuz Paulista é acrescido de sardinha, ovos cozidos, tomate, dentre outros, e leva um cozimento único.

A diferença dos pratos tende a causar estranhamentos para aqueles que não têm familiaridade. A publicação a seguir foi feita pela *fanpage* @opaidopingu no *Instagram* e retrata um cenário que pode ser interpretado como representante cômico desse tema muito discutido nas redes sociais na atualidade.

Figura 4 - Diferenças culturais



Fonte: *Instagram* @opaidopingu (2022).

Nesta publicação é possível observarmos os fatores que melhor representam o processo de variação de uma língua dentro da perspectiva diatópica. Através do diálogo cômico de uma cena em que parece representar uma refeição em família, entre alguns personagens, uma pinguim adulta e outros pinguins menores. Seguindo a mesma proposta da série original podemos entender a cena como a mãe, *Pingu* e a irmã *Pingá*, localizados nas extremidades, contudo, notamos um personagem que destoa do ambiente em que a cenário acontece. Um pinguim com característica diferentes dos demais integrantes da família encontra-se ao centro da cena.

O personagem peculiar é apresentado de maneira que os traços façam menção ao que graficamente é entendido como a representação de um pinguim, porém visivelmente distinto dos

demais. Além da nítida desarmonia estética entre os personagens é possível, para um falante do PB, notar uma clara variação entre a fala dos envolvidos. Enquanto a mãe e *Pingá* apresentam falares semelhantes, através da representação escrita do sotaque e expressões, o personagem ‘destoante’ em uma única gíria condiciona o leitor a supor que aquela expressão está relacionada ao falar de uma região geográfica no Brasil diferente da que pertencem os demais personagens.

Vemos a representação de uma dessas expressões em: “**gua djabo**” expressão que une as palavras ‘égua’ e ‘diabo’, e foram escritas de forma a caracterizar o sotaque dos personagens, trata-se de uma interjeição normalmente utilizada para exprimir irritação ou surpresa, mas pode atribuir outros significados de acordo com a entonação utilizada pelo falante²¹, caso que ocorre no cenário da publicação através da emoção sentida pelo personagem ao se deparar com o prato.

A fala da personagem adulta, que dentro do contexto, pode ser interpretada como sendo a mãe, “**ainda botar banca é? Faça disfeita não**” reproduz os elementos fonéticos presentes no linguajar popular que também encontra-se presente no falar do povo nordestino, utilizando expressões também típicas no cearês, tais como ‘botar banca’, que para os falantes determina a ação de quem age de maneira orgulhosa, ou mesmo considera-se superior²². No contexto em que está sendo empregada cabe fazer menção a outra expressão típica que teria semelhança significativa com esse caso, trata-se do ‘botar boneco’, muito utilizado para determinar a ato de quem está sendo teimoso ou para caracterizar o sujeito que procura briga, relacionando-se diretamente ao adjetivo ‘encrenqueiro’.

Na fala do personagem central o que temos é a gíria ‘**po meo**’ que remete diretamente ao falar típico da região sudeste, em específico ao dialeto paulistano, tratando-se de uma interjeição utilizada para exprimir expanto, indignação ou surpresa, podendo ter sua significação alterada a depender da entonação adotada pelo falante.²³

Os fenômenos de variação não ocorrem de forma isolada, podendo coincidir entre seus conceitos, coexistindo em meio a uma mesma situação comunicativa. A classificação abordada apresenta fatores que podem ser discutidos dentro do nível diatópico de variação, no entanto,

²¹ NEPOMUCENO, Nivaldo Cavalcante. Ceará Moleque. In: **O CEARENSE: Dicionário Cearense de Palavras**. [S. l.]: Gualber Calado, 9 mar. 2009. Disponível em: <<http://ocearense.blogspot.com/2009/03/dicionario-cearense-de-palavras.html>> . Acesso em: 26 fev. 2022.

²² O POVO ONLINE (ed.). "Não vale um Cibazol", dita por Sergio Machado, é só uma das expressões nordestinas; conheça outras. In: **O POVO ONLINE: NORDESTINÊS**. [S. l.], 24 maio 2016. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/maisnoticias/curiosidades/2016/05/24/noticiascuriosidades,3616807/conheca-o-significado-da-expressao-nao-vale-um-cibazol-dita-pelo-f.shtml>> . Acesso em: 26 fev. 2022.

²³ PAULISTANÊS. In: Dicionário de paulistanês: Explicamos a língua do paulistano. In: **Paulistanês** [S. l.], 7 fev. 2014. Disponível em: <<https://paulistanes.spturis.com.br/alfabeto/m/>>. Acesso em: 24 fev. 2022.

outras perspectivas podem levar a compreensão, nesse mesmo exemplo, fatores de ordem diatrásica. Essa percepção é validada se levarmos em conta a significação da iguaria culinária apresentada na publicação que, apesar de outrora já ter passado a ser considerado um prato aristocrata²⁴, atualmente se popularizou bastante e faz parte do dia a dia da culinária brasileira, quer seja na suas versões mais simples quer nas receitas mais elaboradas, o cuscuz de hoje deixa de ser alimento para a população escravizada, como outrora, eleva-se ao patamar de composição culinária aristocrática em outro momento e após isso passa a marcar presença na mesa da trabalhador popular.

Apesar de ser um prato democrático, a iguaria pode ser relacionada com as classes sociais de nível socioeconômico menos favorecida. Pode ser vista como a parcela da população que tem como característica a forte presença de um “dialeto” próprio, dotado de expressões típicas e que revelam, muitas vezes, o meio social em que determinado sujeito está inserido. Na fala da mãe pinguim a personagem utiliza o ‘**faça disfeita não**’ para tentar convencer o pinguim mais jovem a provar a iguaria, essa expressão é comumente utilizada no falar popular brasileiro. O ‘fazer desfeita’, nesse sentido, equivale ao ato ou ação de desprezo, desconsideração ou desapontamento a outrem e nos leva a pensar a variação, dessa vez, sob uma nova ótica, agora partindo da perspectiva social.

3.1.3 Variação diastrática

Esse tipo de variação contempla a diferenciação existente entre as camadas sociais dentro do contexto linguístico. Relaciona-se aos grupos ou classes sociais envolvidas, compreendendo: idade, sexo, nível socioeconômico ou grau de escolarização.

A verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país — que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito —, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo o mundo (BAGNO, 2004, p. 16).

Convém afirmar que os processos de variação linguística regional e social interligam-se entre si, uma vez que, em ambos, os falantes expressam sua identidade, tendo em vista que

²⁴ FARIAS, P. O. L.; SHINOHARA, N. K. S.; PADILHA, M. R. F.; OLIVEIRA, K. K. G.; MATSUMOTO, M. O cuscuz na alimentação brasileira. Contextos da Alimentação – **Revista de Comportamento, Cultura e Sociedade**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 43, 2014.

quando se manifestam oralmente assumem sua posição social e regional, revelando, portanto, pertencer ou não a determinado grupo ou região.

As publicações das páginas regionais de humor são amplamente difundidas nas redes sociais. São *memes*, notícias e *posts* que exaltam o espírito regionalista daqueles que acompanham os canais que se dedicam a compartilhar postagens do seu bairro, cidade ou estado. Assim, aqueles que seguem o trabalho dos ‘criadores de conteúdo’ veem diariamente seu cotidiano sendo retratado, de maneira cômica, como forma de entretenimento, paradoxalmente, à suas rotinas.

A página *@Fortalezaordinária*, veiculada na plataforma *Instagram*, hoje conta com 1.3 milhões de seguidores na rede²⁵, e chama a atenção pela produção de posts humorísticos que retratam o cotidiano da população da região, em especial aos habitantes da grande Fortaleza. Algumas das postagens da página seguem a exemplo da discussão aqui conduzida acerca da utilização da descrição de fenômenos fonético/fonológicos. A seguir observe mos um *post* da página *@Fortalezaordinária* na plataforma *Instagram*:

Figura 5 - Cearês versus outros lugares



Fonte: *Instagram @fortalezaordinaria* (2022).

²⁵ Até o momento da elaboração de estudo em 26 fev. 2022. Não foram levados em consideração os números relativos a atividade da página em outras redes.

O falar regional por vezes pode estar relacionado a fatores relativos a classe social e grau de escolarização dos seus falantes, condições como idade e sexo também ocasionam essas variações. Labov (2003) já admite o contexto social como um dos grandes responsáveis pelas variações na fala. O fator determinante para a ocorrência de novos fenômenos de VL mesmo dentro de falares específicos, ao que parece, pode encontrar alento nos índices sociais de uma população.

Em alguns casos o fator da instrução linguística ocasiona que uma variação, que é própria da fala, alcance o campo da escrita, daí é possível nos depararmos com situações curiosas, onde, por algum motivo, um ato comunicativo se faz necessário dentro de determinado contexto, e o falante, que agora atuará como interlocutor, deverá formular à sua maneira o enunciado que expresse a informação necessária para aquele momento.

Na publicação acima é possível relacionarmos dois eventos de variação mais comuns. O primeiro e já comentado se trata da variação diatópica, onde há uma clara tentativa de diferenciar um falar que é típico de uma região, nesse caso a cearense, e os demais falares, vê-se em: **“Em outros lugares: [...] No Ceará:”**. O segundo evento relaciona-se com o tipo de variação que iremos discutir neste tópico. Na imagem anexada ao *meme* da página @fortalezaordinária pode-se observar o cenário no qual se passa o feito, aparentemente um posto de gasolina²⁶, onde um calibrador de pneus se encontra com defeito. Provavelmente um funcionário do posto ficou responsabilizado por comunicar aos usuários que o equipamento não se encontrava em situação hábil de uso. É pertinente que de início partamos da reflexão de como é a realidade dos trabalhadores dessa classe.

Em uma pesquisa²⁷ realizada em 2007 e que objetivava diagnosticar a qualidade de vida no trabalho dos frentistas a partir de três eixos norteadores²⁸, foram entrevistados 866 frentistas, que trabalhavam, entre julho e agosto de 2003, nos 101 postos de combustíveis de Natal – Rio Grande do Norte. O estudo resultou, acerca do perfil social dos frentistas que, desses, 61,8% tinham nível médio de escolaridade, a maioria 83,8% não se encontrava estudando, mas 58% pretendia voltar a estudar, 53,2% residiam em casa própria e 69,6% utilizavam o transporte coletivo para chegar ao trabalho.

²⁶ Vê-se pelos fragmentos de imagem que remonta a logo de uma empresa brasileira de distribuição de combustíveis

²⁷ Souza, W. J. de, & Medeiros, J. P. de. (2007). Quality of work life as related to quality of service rendered by gas station attendants. **REGE Revista De Gestão**, 14(3), 71-89. Disponível em: <<https://doi.org/10.5700/issn.2177-8736.rege.2007.36606>>.

²⁸ Delinear o perfil da categoria; Caracterizar o desempenho dos trabalhadores em indicadores de QVT de acordo com o modelo de Fernandes (1996); Indicar interfaces da QVT com a qualidade dos serviços prestados.

Em estudo mais recente²⁹, também com objetivo de investigar a percepção dos frentistas sobre a sua qualidade de vida no trabalho, foram escolhidos para a realização dos questionários, trabalhadores de maneira arbitrária dispostos em cinco postos de gasolina com representatividade na cidade de Fortaleza - CE. Obteve-se uma amostra de 100 frentistas, todos atuando com a bomba e abastecimento de veículos no período de fevereiro a maio do ano de 2016. No tópico de análise e discussão dos resultados, o perfil da amostra constatou que: quanto ao gênero, a maior parte da amostra era composta por homens 64% contra 36% de mulheres. Em média, 68% dos entrevistados tinham entre 18 e 35 anos de idade. No estado civil, 61 eram solteiros, 30 casados, 5 divorciados e 4 de outro estado civil. Quanto a escolaridade 74% tinham ensino médio completo, contra apenas 1% que concluiu o ensino superior.

Com base nos dados discutidos é possível traçar um perfil do trabalhador que está no cotidiano de estabelecimentos como exemplo dos postos de gasolina. Trata-se de indivíduos que se encontram em uma classe socioeconômica baixa e que, em geral, apresentam grau de escolaridade médio. Esse fato, permite-nos compreender a variação da publicação em questão como de ordem diatrásica, visto que é de entendimento comum que a proposta comunicativa inicial daquele contexto era a de informar que o calibrador estaria ‘**isculhambadu**’ o mesmo que dizer que este estaria quebrado, estragado ou com mau funcionamento³⁰, seguindo uma escrita que age conforme sua representação fonética dentro do contexto de fala do sujeito. O fato pode ter sido uma simples brincadeira entre os funcionários ou uma situação real que foi registrada e ocasionou a brincadeira nas redes, de todo modo, o cenário serviu de demonstrativo para observarmos como esse tipo de variação pode ocorrer dentro do contexto cotidiano.

3.1.4 Variação diacrônica

Ao comparar diferentes períodos da história dentro da perspectiva de determinada língua verifica-se no processo de variação diacrônica³¹ que grande é o interesse para o campo de estudo linguístico quanto as mudanças que podem acometer esse objeto de estudo. Tais

²⁹ PAIVA, Luis Eduardo Brandão; PONTES, Guilherme Davi Lousada; LIMA, Tereza Cristina Batista de. Qualidade de vida no trabalho dos frentistas de postos de combustíveis. **Revista UNIABEU**, [s. l.], v. 12, n. 31, 2019. Disponível em: <<https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RU/article/view/3611>>. Acesso em: 26 fev. 2022.

³⁰ NEPOMUCENO, Nivaldo Cavalcante. Ceará Moleque. In: **O CEARENSE**: Dicionário Cearense de Palavras. [S. l.]: Gualber Calado, 9 mar. 2009. Disponível em: <<http://ocearense.blogspot.com/2009/03/dicionario-cearense-de-palavras.html>>. Acesso em: 26 fev. 2022.

³¹ Outra forma de denominar a variação histórica.

mudanças ocorreram inicialmente, porque a LP, oriunda do latim, ao chegar ao Brasil entrou em contato com diversas outras linguagens (a exemplo das línguas indígenas, africanas, *etc.*). Essas mudanças ocasionaram novas estruturas lexicais, que conforme o decorrer do tempo se adaptaram ou readaptaram aos novos contextos de uso, seguindo sempre a constância de utilização dos falantes.

Hoje, muitos são os arcaísmos encontrados, sobretudo podendo ser observados em maior frequência nos textos literários. No entanto, ao que parece, o uso gramatical ou lexical de palavras ou expressões antigas na oralidade apresentam condições curiosas. Em especial, retomando o fato citado anteriormente, se refletirmos para os empréstimos de origem indígena, tupinismos, além da ocorrência de reflexos das línguas oriundas do continente africano e países que tiveram participação no período de colonização europeia.

O uso de expressões que façam referência a outro período da história no cotidiano dos falantes é fato recorrente, em especial, quando avaliamos a faixa etária dos indivíduos que, volta e meia, resgatam na memória uma expressão típica de outrora, mas que na atualidade não tem sua utilização difundida no cotidiano dos falantes. Alguns falares mantêm em seu lexico expressões típicas de um período longínquo. Reformuladas, ou seja, podendo dispor de outra significação da que tinham anteriormente, ou adaptadas ao sotaque típico da região que seguiu adotando seu emprego no dia a dia.

Figura 6 - Arcaísmo no Cearês



Fonte: *Instagram* @opaidopingu (2022).

Uma outra publicação da *fanpage* @opaidopingu na plataforma *Instagram* traz, através

do diálogo dos personagens, alguns exemplos de arcaísmos recorrentes no falar Cearense, ou como optamos por seguir nomeando nesta pesquisa o ‘cearês’, em uma representação do que aparenta ser um encontro de amigos discutindo a fantasia de um deles para o *Halloween*, evento que tem sua tradição iniciada no Reino Unido e Irlanda e origina de um antigo festival pagão celebrado pelos celtas chamado *Samhain*³².

O personagem central inicia o diálogo fazendo referência a expressão típica da festividade “*trick or treat*”, que em PB é traduzido para “Doces ou travessuras?” e, em uma clara adaptação para o falar típico cearense, a expressão ganha nova forma: ‘**doce ou malinagem?**’ o arcaísmo empregado a expressão originalmente de língua inglesa cumpre a tarefa de adaptar um traço cultural externo ao típico popular, aproximando a cultura de um povo distante da realidade local. O termo ‘malinagem’ refere-se diretamente ao verbo ‘malinar’ que significa, segundo o *Dicionário Online de Português*³³: a ação de fazer ficar mal, tornar-se maligno. O termo ainda é presente no lexico dos usuários do cearês, o que faz com que sua utilização em contextos diversos tragam para os falantes certa familiaridade.

A fala dos demais personagens segue a proposta de descrição do falar típico local, aproximando-se, de forma escrita, do padrão fonético/fonológico comum aos falantes. Em ‘**iiiiixe ta achano q ta nos istate ala kkkkk**’ o personagem zomba do amigo que está trajado a caráter para festejar o evento. O ‘ixe’ é classificado como uma interjeição e descrito como uma exclamação que denota ironia, desdém, asco, surpresa ou admiração. O personagem ainda menciona um país, também falante da língua inglesa, os ‘**istate**’ fazendo referência aos *United States* ou, em PB, Estados Unidos, que também realiza a comemoração da data na cultura local.

O terceiro personagem complementa o diálogo com ‘**sol q mim faltava**’ fazendo uma espécie de compactação de palavras em ‘só o’ tornando-se ‘sol’, novamente com a aparente tentativa de representação da fala através da escrita. Essa expressão, típica para os falantes do PB, causa certa confusão aos que não são familiarizados com a língua. Uma explicação superficial da sua significação é que essa remete a uma fala irônica, normalmente utilizada quando algo não agrada ou foge do esperado, caso que pode ser observado nesse contexto. Além da escolha por utilizar a forma oblíqua tônica do pronome pessoal reto ‘mim’ ao invés

³² “Samhain ou “fim do verão” marca o início do inverno. Acredita-se também que o Samhain celebra o início do ano celta – eles acreditavam que essa era uma época em que os mortos podiam andar entre os vivos.”

CNN (Brasil). **Halloween**: Descubra as origens, significado e outras curiosidades sobre a data. [S. l.], 14 out. 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/halloween-descubra-as-origens-significado-e-outras-curiosidades-sobre-a-data/>>. Acesso em: 26 fev. 2022.

³³ Dicio, **Dicionário** Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/malinando/>>. Acesso em: 26 fev. 2022.

do forma oblíqua átona ‘me’. Essa escolha contribui para os laços existentes entre que fala e escrita aqui se estreitem ainda mais. O personagem finaliza sua fala com uma risada e uma expressão típica que caracteriza o cômico visto em determinada situação ‘kkkkkk ô ispetaclo’ o ‘espetáculo’ nesse sentido, está na natureza do cenário. A escolha do amigo em comemorar o festejo cultural que não é comum o entretém e diverte a ponto de levá-lo a dar algumas gargalhadas.

Essa publicação assim como as demais aqui discutidas não compreendem de forma isolada uma forma única de variação. Assim como em seu contexto de utilização os fenômenos de VL surgem em função de diversos fatores e coexistem em meio a esses. A intenção aqui é que se possa apontar a ocorrência desses fenômenos dentro de contextos de utilização, sem que seja necessário isolar por completo os eventos diversos que ocorrem em simultâneo ao que está sendo discutido. Nesse sentido, podemos observar com a publicação como estruturas em desuso na língua podem permanecer intactas em significação e uso em alguns falares regionais.

3.1.5 Variação diamésica

Para compreender a variação diamésica é essencial que se entenda, a princípio, a perspectiva de gênero textual. Utilizaremos aqui o conceito atribuído por Marcuschi (2002, p. 19) que estabelece : “gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social [...]. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa”. Importa para nós, nesse sentido, termos em vista que tal variação irá estabelecer um paralelo entre língua falada e língua escrita. Portanto, é relevante sobre esse diálogo, enfatizar acerca de oralidade e escrita, visto que ganha espaço torna-se o meio através no qual determinado falante faz uso da língua para que ocorra o processo de comunicação.

Esse tipo de variação assume o processo de diferenciação existente entre língua falada e língua escrita exercendo um papel crucial no desenvolvimento deste trabalho, visto que é a partir da proposta da descrição da língua falada, em função do falar ‘ceará’, para a descrição escrita, através da tentativa de ilustrar as estruturas em uma perspectiva fonética, fonológica, morfológica, e por meio de uma espécie de recriação de formas lexicais, que se faz possível observar sumariamente a diferença existente entre este e outros falares, ou mesmo entre este e a própria padronização da LP, o que conseqüentemente nos permitiu desenvolver esta análise.

O cenário desenvolvido na publicação seguinte, também é desenvolvido pela fanpage

@opaidopingu dessa vez na plataforma *Facebook*, e descreve um diálogo entre os irmão Pingu e Pingá. A comicidade do *post* se desenvolve a partir da dualidade existente em um verbo, que acaba proporcionando uma frase típica do falar regional, muito difundida, conhecida popularmente como “frase feita” utilizada para arrematar uma discussão, dando por encerrada ou causando o clímax. Observemos a seguir de que forma, portanto, esse processo representativo se concebe dentro da perspectiva fictícia, porém inspirada num possível diálogo entre falantes:

Figura 7 – Relação entre fala e escrita



Fonte: *Instagram @opaidopingu* (2022).

Na primeira fala, a personagem se mantém a descrição do falar regional, seguindo a proposta das publicações da página em questão, além de fazer uso de gírias locais, vê se o ‘mah’ um vocativo que de maneira informal remete a ‘macho’ ou ‘homem’, mas sem a restrição gramática incubida ao gênero, posteriormente ao ‘ei’ interjeição muito comum no PB.

O diálogo progride para um convite ‘ramo jogá?’ descrito tal qual o falar popular regional. Em uma aparente tentativa de descrever a frase ‘vamos jogar?’ de forma que a estrutura reformulada seja elaborada a partir do nível de fala para assim originar a composição

escrita do diálogo. A resposta do segundo personagem é imediata: ‘**peda na lua ou praga nozoto?**’, novamente trazendo uma representação escrita do que vem a ser semelhante ao falar regional. O verbo ‘jogar’ nesse caso, permitiu ao segundo personagem inferir duas definições possíveis para sua execução. Aquilo que possivelmente poderia ser um convite para uma brincadeira entre os personagens, tendo em vista o emprego do verbo na ação de atividades lúdicas, foi atribuída de outro significado pelo segundo personagem. Nisso, ‘jogar’ pode ser um convite para arremessar ‘pedra na lua’ ou o equivalente a lançar uma maldição sobre outrem, que segundo a convenção popular também pode ser ‘rogar’, como diz o personagem ao questionar se o verbo fazia menção a ‘jogar praga nos outros’.

Esse cenário nos aponta ainda para a reflexão da língua como objeto passível de especificidades, nos fazendo admiti-la como fonte inesgotável de fenômenos, em especial se endereçarmos nossas atenções para as estruturas provenientes dos processos de variação, levando em consideração todas as formas de falares que surgem através de uma determinada língua e por isso sofrem, conseqüentemente, alterações dentro de seu próprio contexto de criação e de uso.

A possibilidade de observar os fenômenos da fala sendo retratados no contexto escrito nos dá aporte suficiente para seguir tecendo contribuições para o campo de estudo linguístico, em especial ao desenvolvimento de pesquisas no campo da variação, e dessa forma fomentar o debate acerca do objeto de estudo em questão, fazendo com que, através disso, seja possível a elaboração de materiais que auxiliem no conhecimento acerca dessa temática, contribuindo significativamente para o processo de ensino da língua.

3.2 A COMICIDADE NOS POSTS

A perspectiva do cômico está diretamente ligada às situações concretas, compreendendo as noções referentes ao humor e partindo das ocasiões onde se faz presente o riso. Henri Bergson³⁴, filósofo francês, compreende em três artigos escritos em 1899 para a *Revue de Paris*, uma análise que ascende a compreensão de como se origina o cômico e a partir de quais situações esse fenômeno se concebe, aliado ao entendimento de quais conceitos surgem através dele. O filósofo buscou compreender o que, de fato, estaria por trás do riso como um fenômeno social observável. Para ele o riso, ou a ação de rir, possui uma função

³⁴ SIBERTIN-BLANC, G. “Le rire comme fait social total (éléments de sociologie bergsonienne)”. In: **Lire Bergson. Presses Universitaires de France –PUF**, 2e édition, 2013 e MINOIS, G. História do riso e do escárnio. Trad. Maria Elena O. Ortiz Assumpção. – São Paulo: Editora UNESP, 2003.

social e age como objeto para reflexão filosófica.

Para entendermos a perspectiva do riso na filosofia de Bergson (2007, p. 6) “é preciso coloca-lo em seu meio natural que é a sociedade; é preciso, sobretudo, determinar sua função útil”, o que nos permite admitir que para compreender o riso, segundo objeto da reflexão do autor, devemos admiti-lo a partir de seu eixo social.

Algumas noções sobre o modo como o riso se procede são estabelecidas por Bergson, dentre elas parte o entendimento de que esse fenômeno é fundamentalmente manifestado pelo homem, contudo, ações pertinentes à natureza humana podem necessariamente distanciar a ação desse fenômeno. Algumas emoções podem desenvolver no homem a proximidade com aquilo do qual se ri.

Parece que a comicidade só poderá produzir comoção se cair sobre uma superfície d'alma serena e tranqüila. A indiferença é seu meio natural. O riso não tem maior inimigo que a emoção. Não quero com isso dizer que não podemos rir de uma pessoa que nos inspire piedade, por exemplo, ou mesmo afeição: é que então, por alguns instantes, será preciso esquecer essa afeição, calar essa piedade. (BERGSON,2007, p. 03).

A afirmativa do filósofo nos permite inferir que é preciso existir certo distanciamento para que a situação cômica se manifeste, tendo em vista que caso haja pertencimento não ocorrerá o riso. Do contrário, o indivíduo pode ser classificado dentro daquele contexto como sendo insensível. Seguindo essa lógica, Bergson aponta que a comicidade advém das situações nas quais o sujeito não se faz presente emocionalmente, abrindo mão da sensibilidade imposta em determinada situação. Dessa forma chama à reflexão:

Que o leitor agora se afaste, assistindo à vida como espectador indiferente: muitos dramas se transformarão em comédia. Basta taparmos os ouvidos ao som da música, num salão de baile, para que os dançarinos logo nos pareçam ridículos. Quantas ações humanas resistiriam a uma prova desse gênero? E não veríamos muitas delas passar de chofre do grave ao jocoso, se as isolássemos da música de sentimento que as acompanha? Portanto, para produzir efeito pleno, a comicidade exige enfim algo como uma anestesia momentânea do coração. Ela se dirige a inteligência pura. (BERGSON, 2007, p. 4).

Refletindo sobre o posicionamento do filósofo, podemos compreender como a realidade vivente é subjetiva. Ao nos entendermos como sujeitos envolvidos nos acontecimentos cotidianos, é possível que a carga de dramaticidade vivida se eleve, ao passo que conforme ocorra o distanciamento dessa passamos a ver que os dramas da realidade se

transformam em comédia. Isso ocorre porque, segundo Bergson, a comicidade só é compreendida através da reflexão da realidade, dispensando o expoente dramático. Ou seja, ao nos depararmos com uma situação onde exercemos o riso estamos também, de acordo com essa perspectiva, silenciando nossa sensibilidade e agindo com uma ‘inteligência pura’.

Bergson também aponta para um compartilhamento dessa reflexão causada pelo riso. Para ele, a percepção obtida através do cômico é compartilhada com os demais indivíduos que compõem o grupo social, e que entendam tal situação ou realidade como potencial para provocar o riso.

Nesse sentido, o riso como função social é direcionado a um indivíduo como forma de adequá-lo às convenções sociais estabelecidas pelos membros de determinada comunidade. Nesse contexto, também exerce a função de advertir e punir determinado indivíduo, seja por seu caráter insociável, ou seja, por algo que fuja do que é visto como normal pelos demais. Desse modo, os preconceitos parecem ser potenciais meios através do qual esse fenômeno social emerge.

A temática abre espaço para que discutamos a existência dos preconceitos na sociedade. Conforme citação de Gnerre (2009, p. 23): “Segundo os princípios democráticos, nenhuma discriminação dos indivíduos tem razão de ser, com base em critérios de raça, religião, credo político. A única brecha deixada aberta para a discriminação é aquela que se baseia nos critérios da linguagem e da educação”. Ao conduzirmos a discussão para a vertente da linguagem nos deparamos com as noções de preconceito linguístico, refletimos para esse trecho da entrevista dada por Marta Scherre, onde a linguísta conceitua o preconceito linguístico como sendo:

o julgamento depreciativo, desrespeitoso, jocoso e, conseqüentemente, humilhante da fala do outro ou da própria fala [...]. Depreciando-se a língua, deprecia-se o indivíduo, sua identidade, sua forma de ver o mundo. O preconceito linguístico - o mais sutil de todos eles - atinge um dos mais nobres legados do homem, que é o domínio de uma língua. Exercer isso é retirar o direito de fala de milhares de pessoas que se exprimem em formas sem prestígio social. Não quero dizer com isso que não temos o direito de gostar mais, ou menos, do falar de uma região ou de outra, do falar de um grupo social ou de outro. O que afirmo e até enfatizo é que ninguém tem o direito de humilhar o outro pela forma de falar. Ninguém tem o direito de exercer assédio linguístico. Ninguém tem o direito de causar constrangimento ao seu semelhante pela forma de falar. (Marta Scherre)³⁵

³⁵ SCHERRE, Maria Marta Pereira. O preconceito linguístico deveria ser crime. **Entrevista à Revista Galileu**. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDR87198-7962,00.html>>. Acesso em: 28 fev. 2022.

Diferente das demais formas de preconceito, aquele que se direciona à linguagem, por vezes, é visto como ato construtivo. As convenções gramaticais, muitas vezes, reforçam a etiqueta estabelecida pela estrutura normativa social, conseqüentemente corroborando com a discriminação existente acerca do modo como falam determinados sujeitos em razão do falar de outros, e nascem, conforme pontua Leite (2008, p. 21) “sobre o que foi assimilado culturalmente ou plasmado em irracionalidade, emoções e sentimentos”. Isso porque ainda existe socialmente a diferenciação entre a língua que se concebe como culta e os desvios que não seguem tal preceito. Essa premissa alia-se à carência em manter as relações distintas entre os papéis sociais, classificando os falantes de uma língua tal qual seu grupo específico.

Em outras palavras, ocorre de determinadas variantes linguísticas, por estarem em proximidade ao que se considera aceitável em determinada sociedade sejam consideradas corretas e outras não, por estarem mais distante do padrão imposto, caírem no campo do incorreto. Para Gnerre (2009, p. 6). “Uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”.

Benveniste (2006) afirma que a língua é um espelho social, dessa forma, reflete na estrutura da sociedade suas variações e especificidades. Publicações como as compartilhadas pelas páginas discutidas reforçam um padrão de comicidade atribuída ao valor identitário da linguagem. “a ideia de identidade cultural revela um construto de práticas históricas e conjunção/dispersão de discursos sobre a cultura e sobre a identidade” (FREITAS, 2010, p. 322). As noções de pertencimento, atribuído pelo processo identitário, fenômeno que se encontra em constante transformação, tem forte relação com a percepção do público que comunga com descrições humorísticas como as aqui apresentadas.

De toda forma, os processos que ocorrem a partir da representação de falares específicos, detentores de variações distantes do que é socialmente estabelecido como ‘correto’, tendem a ser ridicularizadas pelo meio social dominante, ainda que entre seus falantes sejam um marco da identidade popular. Este traço positivo da comicidade atribuída ao material humorístico é o que permite sua larga difusão nas redes sociais. Vimos na descrição da quantidade de seguidores em cada página. O povo retratado vê seu cotidiano, muitas vezes árduo, sendo representado com humor. Ações como essa auxiliam no fortalecimento do sentimento de comunidade. Ao saber que seus semelhantes passam pelos mesmos percalços, os sujeitos firmam, através do riso, a compreensão de pertencimento a algo maior, se veem como parte de um todo.

Em síntese, podemos apontar que, ao passo que a comicidade nasce da reflexão do

cotidiano de um povo, tendo em vista a diferenciação existente daquilo que é próprio do popular específico e aquilo que é tido como padrão para a sociedade, esse cômico também poderá ser originado da aversão aquilo que foge da norma linguística estabelecida. Uma vez que, o material humorístico é de alcance geral e da mesma forma que pode para determinado povo ser entendido como expressão identitária do cotidiano, para outra parcela da população pode ser visto como um estereótipo local, o que retoma a reflexão inicial do caráter normativo que a comicidade atribuída a linguagem carrega.

4 CEARÊS E ESCRITA : UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE

O trabalho com variação no ambiente de ensino, por vezes, se depara com as condições ocasionadas pela normatividade da língua, resquícios de uma educação que priorizou a utilização das gramáticas normativa, em especial no que se constitui ao ensino de LP. Bagno (2002) propõe a defesa de um ensino que propicia as condições necessárias para o desenvolvimento de uma “educação linguística”, salientada por ele: “conceito que difere em muito da prática tradicional de inculcação de uma suposta, ‘norma culta’ e de uma metalinguagem tradicional de análise da gramática” (BAGNO, 2002, p. 17).

As propostas de compreensão do funcionamento das variáveis da língua seguem rendendo discussões acerca do que tem sido feito para o fornecimento das devidas mudanças na estrutura de ensino de LP, para tal Bagno (1999, p. 16, grifo nosso) aponta que:

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma **educação linguística** voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais na identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar uma variedade linguística equivale a denegrir e a condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes [...].

Em Bagno (2007) o autor aponta para um caminho pelo qual se possa reverter os efeitos gerados pela gramática normativa no que tange ao ensino do LP. Com isso nos deparamos com o impasse entre as formas padronizadas da língua e o uso real e cotidiano dessa. A possibilidade de que materiais, como os utilizados na composição deste trabalho, sejam empregados no ensino LP, são válidos a partir do momento em que surgem, e por isso no exercício da sua utilização, podemos fazer questionamentos, tais como: A língua se constitui no cotidiano de seus usos ou nas formas preconizadas por uma classe específica? Os usos diversos da língua

contribuem ou atrapalham na consolidação do seu papel social, que é a comunicação?

A partir da escolha do material didático a ser trabalhado em sala de aula até as práticas utilizadas no seu desenvolvimento os educadores, convém ao ensino seguir propostas construtivas, a exemplo do roteiro elaborado por Bagno (2007, p. 125) para a escolha do livro didático pelos professores:

1. O livro didático trata da variação linguística?
2. O livro didático menciona de algum modo a pluralidade de línguas que existe no Brasil?
3. O tratamento se limita às variedades rurais e/ou regionais?
4. O livro didático apresenta variantes características das variedades prestigiadas (falantes urbanos escolarizados)?
5. O livro didático separa a norma-padrão da norma culta (variedades prestigiadas) ou continua confundindo a norma padrão com uma variedade real da língua?
6. O tratamento da variação no livro didático fica limitado ao sotaque e ao léxico, ou também aborda fenômenos gramaticais?
7. O livro didático mostra coerência entre o que se diz nos capítulos dedicados à variação linguística e ao tratamento que dá aos fatos de gramática? Ou continua, nas outras seções, a tratar do “certo” e do “errado”?
8. O livro didático também explicita que também existe variação entre fala e escrita, ou apresenta a escrita como homogênea e a fala como lugar do erro?
9. O livro didático aborda o fenômeno da mudança linguística? Como?
10. O livro didático apresenta a variação linguística somente para dizer que o que vale mesmo, no fim das contas, é a norma-padrão?

É pertinente, nesse sentido, regatar para fins de acréscimo à nossa discussão, uma visão de Bagno (1999, p. 143), que ressalta a impotência de: “Não confundir erro de português (que afinal, não existe) com simples erro de ortografia. A ortografia é artificial, ao contrário da língua, que é natural.”. Dessa forma, nosso entendimento não parte da perspectiva de que dentro dos parâmetros curriculares se extingam por completo os processos que tratem da língua enquanto finalidades de utilização, tendo em vista questões de ortografia e gramática, mas da necessidade de que sejam modificados os padrões normativos que essa gramática proporcionou ao decorrer de sua prática no ensino da língua, trazendo para centro dos estudos a fluidez inerente ao objeto em questão.

É relevante entender que a língua acontece de diversas formas e vem a partir de diferentes formatos deveria ser um dos princípios fundamentais ao estudo da mesma. Vemos nos PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais³⁶, no que compete ao ensino de LP que o

³⁶ Documento que norteia o processo de ensino, com autoria atribuída ao MEC – Ministério da Educação, e que tem como objetivo principal: “constituir-se como referência para as discussões curriculares da área – em curso há vários anos em muitos Estados e Municípios – e contribuir com técnicos e professores no processo de revisão e elaboração de propostas didáticas.” (Brasil, 1998. p.13).

documento alerta para a percepção de que um ensino que nega a variação da língua e restringe sua abordagem aos modelos impostos por uma idealização de língua padrão, determinada pela exposição de normas gramaticais e análises descontextualizadas, não se faz efetivo no que compete à formação de sujeitos cidadãos.

[...] não se pode mais insistir na ideia de que o modelo de correção estabelecido pela gramática tradicional seja o nível padrão da língua ou que corresponda à variedade linguística de prestígio. Há, isso sim, muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática [...] (BRASIL, 1998, p.31).

No que compete aos objetivos gerais do ensino de LP ao fundamental, o documento aponta os seguintes itens:

Item 4: - conhecer e valorizar as diferentes variedades do Português, procurando combater o preconceito linguístico

[...]

Item 5: - reconhecer e valorizar a linguagem de seu grupo social como instrumento adequado e eficiente na comunicação cotidiana, na elaboração artística e mesmo nas interações com pessoas de outros grupos sociais que se expressem por meio de outras variedades (BRASIL, 1998, p. 33).

E ainda destaca a importância do exercício da modalidade oral no ensino, muito negligenciada no trabalho com VL em sala de aula, local onde a escrita possui supremacia de ensino, fomentando o que já foi discutido acerca das discriminações envolvendo a língua em contexto social.

Além da utilização de materiais de apoio que competem ao ensino de LP no nível Fundamental, alguns materiais destinaram-se a abordagem da variação na língua nos últimos anos a nível de Ensino Médio, tratam-se de quatro coleções de livros didáticos, que foram aprovadas pelo PNLD – Programa Nacional do Livro Didático (2018): *Linguagem e Interação* (FARACO; MOURA; MORUXO Jr., 2016); *Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso* (CEREJA; VIANNA; DAMIEN, 2016); *Esferas da Linguagem* (CAMPOS; ASSUMPÇÃO, 2016) e *Novas Palavras* (AMARAL et al., 2016).³⁷

4.1 VARIAÇÃO E SALA DE AULA

³⁷AMORIM, Fabrício da Silva. Variação diacrônica e ensino. **Revista Tabuleiro de Letras**, (PPGEL, Salvador, online), v. 12, ed. 03, dezembro 2018. DOI 10.35499/tl.v12i0.5566 Disponível em: <<https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/5566>>. Acesso em: 2 mar. 2022.

Seguindo uma proposta de escrita que traz o ‘ceará’ como espécie de língua oficial, as *fanpages* regionais, discutidas neste trabalho, compreendem materiais humorísticos onde encontram-se presente aspectos representativos de cunho identitário, dos quais pudemos refletir brevemente no capítulo anterior, e que trazem a nível de conhecimento geral, tendo em vista o alcance oferecido pelas plataformas sociais, as peculiaridades do cotidiano e falar do povo cearense. Essa tentativa de descrever a fala regional em uma construção escrita tem ricos registros na literatura. O falar regional cearense sempre esteve muito bem representado por grandes nomes da linguagem e poesia, dentre eles destacamos o ilustre Patativa do Assaré.

Antônio Gonçalves da Silva, o grandiosíssimo representante da cultura popular nordestina, de pseudônimo Patativa do Assaré, dedicou sua produção artística à cultura popular. Suas obras, direcionadas ao povo do sertão cearense e nordestino, sofrido e marginalizado, apresentavam uma linguagem puramente poética, porém simples, visto que também era um sujeito simples. Em célebres palavras e em linguagem popular no livro *Cante lá que eu canto cá - Filosofia de um trovador nordestino* (1978)³⁸ o poeta representa o sentimento de pertencimento a uma terra sofrida, mas de grande valor:

Eu sou de uma terra que o povo padece
Mas não esmorece e procura vencer.
Da terra querida, que a linda cabocla
De riso na boca zomba no sofrer
Não nego meu sangue, não nego meu nome
Olho para a fome, pergunto o que há?
Eu sou brasileiro, filho do Nordeste,
Sou cabra da Peste, sou do Ceará.
(Assaré, 2007:146).

A realidade vivida, retratada pelo reflexo do sentimento do poeta no trecho do poema, aponta para a importância do espírito de identidade do sujeito integrante de determinada comunidade. De acordo com Benveniste (2005, p. 286). “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego”. Permeado de emoção, os versos demonstram quanto necessário se faz o orgulho constituído do coletivo para a tolerância e o respeito.

Quanto a publicação de materiais humorísticos, como os aqui debatidos, não é de hoje que as páginas responsáveis pela veiculação desses materiais seguem esse formato de fazer humor, voltando-se exclusivamente para o dia a dia dos indivíduos que fazem parte do contexto social retratado. Da mesma forma, essas publicações não são exclusivas do estado do

³⁸ ASSARÉ, Patativa do. *Cante lá que eu canto cá - Filosofia de um trovador nordestino*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

Ceará, outras comunidades também contam com páginas similares, retratando o cotidiano de sua população, inclusive dividindo-se por entre os próprios limites estaduais.

Hoje muitas são as plataformas digitais utilizadas para a propagação da cultura popular regional. Vemos exemplos deste feito diariamente nas redes sociais, em especial as mais populares, como o Facebook, Instagram, Twitter, Tiktok, entre outras. Páginas são criadas com o intuito de propagar e tornar de conhecimento público as particularidades de determinada cultura. Em suma, as *fanpages* abordadas neste estudo são um bom exemplo de como esse fenômeno vem se tornando cada vez mais comum dentro do meio digital, o que, naturalmente, tem reflexo no cotidiano social.

Pensando nisso, formulamos uma proposta de intervenção ao processo de ensino, no que tange à variação, na disciplina de LP. Contando com o material elaborado e elencando as questões de ensino e aprendizagem relativas ao estudo das variantes linguísticas, elaboramos uma Proposta de atividade (Apêndice A), com o objetivo de esquematizar os usos do material midiático em questão com conteúdo de ensino da língua, em especial, a LP.

Propomos uma atividade que pode ser adaptadas às série que compreendem o ensino fundamental II, tendo em vista que este estudo contempla os entendimentos que os discentes trazem do ambiente familiar, podendo ser acrescido a esse conhecimento prévio, portanto, aos letramentos que esses alunos carregam consigo, outras possibilidades de uso da língua, inclusive nas variações, mesmo aquelas que não são consideradas corretas pelo público geral.

Dessa forma, em função de promover um melhor diálogo no ambiente de ensino acerca das diversidade de falares existentes na língua, apresentamos a seguir como proposta de utilização em sala de aula uma Cartilha educativa (Apêndice B) que ressalta a importância do conhecimento e valorização da variantes da língua em uso, utilizando tanto dos materiais mencionados neste estudo, quanto de outras fontes adicionais de interesse lúdico pelo público-alvo, direcionado aos alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental, o que compreende as turmas de 6º ao 9º ano.

Na construção final do material optamos por não abordar a variação diamésica, apesar de sua grande relevância para nossa pesquisa, atentando para não causar confusões no entendimento dos conceitos apresentados, tendo em vista o público a quem se destina esse material. Ao final foi disponibilizado um *Qrcode* que pode ser utilizado como forma de veiculação da cartilha também em meio digital. O *link* gerado leva direto a uma versão com animação deste mesmo material.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o debate estabelecido em torno dos conceitos sociolinguísticos que interligam as temáticas da variação linguística e identidade popular, possibilitou-se o desenvolvimento de uma discursão que permitiu pontuar os fenômenos sociolinguísticos existentes na construção da representação do dialeto "Cearês" ou "Cearensês" disposto no material midiático escolhido.

A análise do material, seguindo as premissas de estudo de textos e enunciados e contemplando os conceitos já debatidos acerca da variabilidade linguística e questões identitárias, trazidas à discursão por meio das teorias sociológicas, contribuíram para o desenvolvimento do material de apoio aos estudos no âmbito de sala de aula, ancorando-se na perspectiva dos usos desse tipo de suporte no ensino de Língua Portuguesa, sobretudo no estudo das variações linguísticas do Português brasileiro, tendo como exemplo de variante o falar regional do povo Cearense.

Dessa forma, vislumbramos uma reflexão para os caminhos possíveis na tentativa de inserção desse material no ambiente de ensino. Contudo, foi ponderando os métodos que melhor compreendam esse modelo de variação linguística, pretendemos formular uma proposta de intervenção no processo de ensino, no que tange à variação, na disciplina de LP. Contando com o material elaborado e elencando as questões de ensino e aprendizagem relativas ao estudo das variantes linguísticas, elaboramos uma proposta de esquematizar os usos do material midiático em questão com conteúdo de ensino da língua.

A escolha dos teóricos foi de suma relevância para a discussão, tendo em vista que a partir desses esta pesquisa foi norteadada, e para, finalmente, ocasionar o desenvolvimento de um material didático, utilizando as ferramentas midiáticas discutidas, trazendo benefício no ensino de LP, em especial no que compete aos estudos voltados para a variação linguística e estudo dos dialetos de uma região específica, nesse caso, o "cearês".

REFERÊNCIAS

- ASSARÉ, Patativa do. **Antologia poética**. 5. ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico** – o que é, como se faz. 15. ed. Loyola: São Paulo, 1999.
- BAGNO, Marcos. **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002.
- BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael (Eds). **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- BAGNO, Marcos. A inevitável travessia: da prescrição gramatical à educação linguística. In: BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002. p.13-84.
- BAGNO, Marcos. **A norma oculta**. São Paulo: Parábola. Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Norma linguística, hibridismo & tradução**. v. 1, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/traduzires/article/view/6652/5368>>. Acesso em: 25 fev. 2022.
- BARBADINHO NETO, Raimundo (Org). **Estudos filológicos: volume dedicado à memória de Antenor Nascentes**. v. I, (Coleção Antônio de Moraes Silva, Estudos de Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Trad. Eduardo Guimarães *et al.* 2. ed. Campinas: Pontes, 2006.
- BERGSON, Henri. **Le Rire**. Essai sur la significacion du comique. Paris: PUF, 1996.
- BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BESSA, José Rogério Fontenele. **Atlas Linguístico do Ceará**. v. I – Introdução, v. II – Cartogramas. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em Língua Materna: a Sociolingüística em sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora? Sociolingüística e educação**. São. Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRASIL/MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

- CALLOU, Dinah. Quando dialetologia e sociolinguística se encontram. **Revista Estudos linguísticos e literários**, Salvador: UFBA, n. 41, 2010.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Coisas que o povo diz**. 1. ed. São Paulo: Global Editora, 2015.
- CASTRO, Antonilma Santos Almeida. Língua e identidade: problematizando a diversidade linguística na escola. **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 37, p. 135-149, jul./dez. 2007.
- CARDOSO, Suzana Alice. Tinha Nascentes razão? **Revista Estudos linguísticos e literários**, Salvador: UFBA, n. 5, p. 3-13, 1986.
- CAVALCANTE, Rogério. **Dicionário de cearensês: a cultura do povo cearense/ Rogério Cavalcante**, 3. ed. Fortaleza, CE: Ed. do Autor, 2012.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: **Atlas Linguístico do Brasil: Questionários**. Londrina: UEL, 2001
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.
- FARIAS, Patrícia de Oliveira Leite; SHINOHARA, Neide Kazue Sakugawa;
- PADILHA, Maria do Rosário de Fátima.; OLIVEIRA, Karlla Karinne Gomes de;
- MATSUMOTO, Masayoshi. O cuscuz na alimentação brasileira. Contextos da Alimentação. **Revista de Comportamento, Cultura e Sociedade**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 35-49, 2014.
- MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina. Introdução à Linguística: domínios e fronteiras. Vol. 1. São Paulo: Contexto, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.
- FREIXA, Dolores; CHAVES, Guta. **Gastronomia no Brasil e no Mundo**. Rio de Janeiro: Senac, 2009.
- GADELHA, Marcus. **Dicionário de cearês**. Fortaleza: Multigraf, 1999.
- GNERRE, Maurizio, **Linguagem, Escrita e Poder**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- LABOV, William. **Some sociolinguistic principles**. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Malden: Blackwell Publishing, 2003. p. 234-250.
- LABOV, William. **Padrões sociolingüístico**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Editora

Contexto, 2008.

LIMA, Cláudia. **Tachos e Panelas**: Historiografia da Alimentação Brasileira. Recife: Editora Aurora, 1999.

LIMA, Daniele dos Santos; BARROS, Isabela Rêgo. O homem na língua: o dialeto como índice de subjetividade e identidade cultural. **DESENREDO (PPGL/UPF)**, v. 13, p. 19-37, 2017.

LIMA, Fabiana dos Santos. **Atlas Linguístico dos Sertões Cearenses (ALSCE)**. 2019. 333f - Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2019.

MARTINS, Maridelma Laperuta. Preconceito linguístico: Origem na Sociedade; Término na Escola. **Revista Observatório**, Universidade Federal do Tocantins, 2017, v. 3 n. 1, Janeiro-Março, p. 305-326, 2017.

MARROQUIM, Mário. **A Língua do Nordeste**: Alagoas e Pernambuco / Mário Marroquim. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1934.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1922.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

NASCENTES, Antenor. Études dialectologiques du Brésil. **ORBIS - Bulletin International de Documentat ion Linguistique**, Louvain, t. 2, n. 2, p. 438-444, 1953.

NASCENTES, Antenor. Divisão dialectológica do território brasileiro. **Revista Brasileira**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, abr/jun., 1955.

NEPOMUCENO, Nivaldo Cavalcante. Ceará Moleque. In: **O CEARENSE**: Dicionário Cearense de Palavras. [S. l.]: Gualber Calado, 9 mar. 2009. Disponível em: <<http://ocearense.blogspot.com/2009/03/dicionario-cearense-de-palavras.html>>. Acesso em: 26 fev. 2022.

PAIVA, Luis Eduardo Brandão; PONTES, Guilherme Davi Lousada; LIMA, Tereza Cristina Batista de. Qualidade de vida no trabalho dos frentistas de postos de combustíveis. **Revista UNIABEU**, [s. l.], v. 12, n. 31, 2019. Disponível em: <<https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RU/article/view/3611>>. Acesso em: 26 dez. 2021.

PAULISTANÊS. In: **Dicionário de paulistanês**: Explicamos a língua do paulistano. In: Paulistanês [S. l.], 7 fev. 2014. Disponível em: <<https://paulistanes.spturis.com.br/>>. Acesso em: 24 fev. 2022.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática 1992

PINGU WIKI. **Pingu**. Disponível em: <<https://pingu.fandom.com/pt-br/wiki/Pingu>>. Acesso em: 4 fev. 2022.

PINGU BRASIL. **Quem é Pingu?** Disponível em: <<http://pingubrasil.com.br>>. Acesso em: 4 fev. 2022.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano**. 2012. 752f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. O preconceito linguístico deveria ser crime. **Entrevista à Revista Galileu**. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDR87198-7962,00.html>>. Acesso em: 28 fev. 2022

SIBERTIN-BLANC, Guillaume. “Le rire comme fait social total (éléments de sociologie bergsonienne)”. In: **Lire Bergson. Presses Universitaires de France –PUF**, 2.ed., 2013. e MINOIS, G. História do riso e do escárnio. Trad. Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

SILVA NETO, Serafim da. **História da Língua Portuguesa**, 1. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1952-1957.

SILVA NETO, Serafim da. **Guia para estudos dialectológicos**. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas; Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SOUZA, Washington José de; MEDEIROS, Jássio Pereira de. Quality of work life as related to quality of service rendered by gas station attendants . **REGE Revista De Gestão**, 14(3), p. 71-89, 2007. DOI: <https://doi.org/10.5700/issn.2177-8736.rege.2007.36606> Disponível: <https://www.revistas.usp.br/rege/article/view/36606>. Acesso em: 28 fev. 2022.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [1997].

ZIMMER, Marcia Cristina; FINGER, Ingrid; SCHERER, Lilian Cristine. Do bilinguismo ao multilinguismo: intersecções entre a psicolinguística e a neurolinguística. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem: ReVEL**, v.6, n.11, p.1-28. Semestral, 2008. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br>>. Acesso em: 28 fev. 2022.

A P Ê N D I C E S

APÊNDICE A – PROPOSTA DE ATIVIDADE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS - UAL
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA



PROPOSTA DE ATIVIDADE

Justificativa: Em função de promover um melhor diálogo no ambiente de ensino acerca das diversidade de falares existentes na língua, apresentamos a seguir como proposta de utilização em sala de aula de uma Cartilha educativa que ressalta a importância do conhecimento e valorização da variantes da língua em uso, utilizando tanto dos materiais mencionados neste estudo, quanto de outras fontes adicionais de interesse lúdico pelo público-alvo, direcionado aos alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental, o que compreende as turmas de 6º ao 9º ano. Tendo em vista que este estudo contempla os entendimentos que os discentes trazem do ambiente familiar, podendo ser acrescido a esse conhecimento prévio, portanto, aos letramentos que esses alunos carregam consigo, outras possibilidades de uso da língua, inclusive nas variações, mesmo aquelas que não são consideradas corretas pelo público geral.

1- **Título:** Variação linguística e cotidiano: Uma proposta de atividade

2- **Autora:** Airys Lima Santos

3- **Recurso utilizado:** Cartilha educativa: “*Tu sabe por que eu falo diferente de tu?*”

4- **Componente curricular:** Língua Portuguesa

5- **Público-alvo:** Turmas de 6º ao 9º ano do Ensino fundamental II

6- **Objetivos:**

- Ampliar a compreensão da variação linguística;
- Identificar os fatores existentes na diferenciação dos tipos de variação;
- Analisar as variações da língua no cotidiano utilizando das mídias digitais para a divulgação;

7- **Metodologia:**

- ✚ Oportunizar a leitura da cartilha educativa “*Tu sabe por que eu falo diferente de tu?*”. Através da distribuição física ou projeção do material.

- ✚ Propiciar o debate das questões que fomentam a discussão iniciada pela cartilha:
 - *Vocês conhecem alguma pessoa que tem uma forma de falar diferente? Como é essa fala?*
 - *Já se perguntaram de onde vem essa diferença na maneira de falar?*
 - *Vocês sabem por que as pessoas falam de diferentes maneiras dependendo do contexto?*
- ✚ Complementar o debate explicando que nossa língua é variável e configura em um sistema flexível. Trazer a concepção da sociolinguística (uma das ciências da linguagem que explica as variações linguísticas), que consiste na afirmação de que a língua é intrinsecamente heterogênea, sempre em construção e desconstrução. Comente que dentro de cada estado também encontramos muitas variações (No caso do estado do Ceará tem-se diferenças acentuadas no sotaque da capital para o falar interiorano).
- ✚ Para finalizar a discussão acenda a temática do preconceito linguístico. Reforce com os alunos sobre a existência do grande equívoco por parte de algumas pessoas que entendem que uma variante é melhor que outra ou outras, desprestigiando pessoas com o falar ou variante diferente.

8- Avaliação:

➤ Sugestão

Solicite que, em grupos, os alunos façam uma pesquisa de campo, que terá por objetivo identificar as variedades que constituem o modo de falar da sua comunidade. Atente-os para o fato de que as variantes estão estreitamente ligadas a cultura de um povo e que toda cultura merece muito respeito. Acrescento à sugestão que estas pesquisas sejam reunidas para o registro e divulgação nas redes sociais (*Facebook, Instagram, Tiktok*, entre outros.) dos próprios alunos ou da turma. Dessa forma, a partir de um roteiro de perguntas a serem utilizadas na entrevista, privilegiando questões sobre cultura, lugar onde viveu, onde nasceram *etc.* a pesquisa se desenvolverá. Este roteiro deverá ser elaborado pela turma, com auxílio do professor, de acordo com as indagações mais pertinentes para o grupo. A pesquisa poderá ser realizada através da gravação com celular e também registrada por escrito pelo entrevistador. Peça que os alunos tirem fotografias, façam vídeos ou áudios também, isso dependerá da criatividade de cada um.

APÊNDICE B – CARTILHA EDUCATIVA



TU SABE POR QUE EU FALO DIFERENTE DE TU?

CHEGA AQUI QUE EU TE EXPLICO

SAIBA MAIS >

CARTILHA EDUCATIVA

AIRYS LIMA SANTOS

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

São os diferentes
modos em que é
possível expressar-se
em uma língua

DEFININDO A

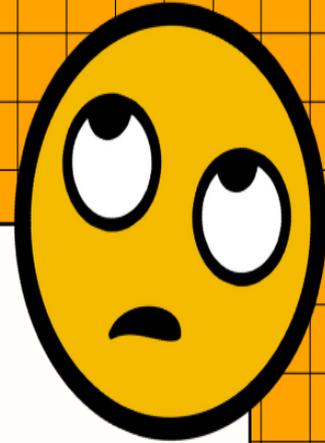
VARIACÃO LINGUÍSTICA

Agora que tu tá por dentro do que significa esse conceito aí de cima. Sabia que muita gente estudou pra saber como esse fenômeno acontece no pega pra capar da coisa?

Um desses cabras foi Marcos Bagno.

Tu conhece? Ele explica um situação paia que rola em torno desse conceito...

[SAIBA MAIS >](#)



O preconceito linguístico se baseia na crença de que existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, "errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente."

MARCOS BAGNO

PRECONCEITO LINGUÍSTICO: O QUE É, COMO SE FAZ? 45.ED.SÃO PAULO: LOYOLA, 2006

**Mas pera aí,
macho...**



Se eu te disser que existe um meio através do qual nenhum preconceito se aproxima até a gente, tu acredita em mim?

SAIBA MAIS >



O CONHECIMENTO

Mas conhecer a variação linguística só vai ser massa se a gente começar entendendo de que formas ela acontecem. Tu tá disposto? Bora!

As variações linguísticas diferenciam-se em quatro tipos: diastráticas, diatópicas, diacrônicas e diafásicas.

[SAIBA MAIS >](#)





9:13 PM · 27 de jan de 2020 · Twitter for Android

Varição diafásica

Também é conhecida como de variação contextual ou de registro.

Tô ligado! Por isso que minha professora fala daquele jeito

Ela é comum porque

surge conforme os papéis sociais dos falantes e com o contexto de utilização. É através dela que um discurso pode ser entendido como formal ou informal. Um caso de situação comunicativa em que ocorre a necessidade de uma padronização linguística, são os atendimentos via telemarketing.





**Variação
diatópica**

“Quase me apetece dizer que não há uma língua portuguesa, há línguas em português.”
José Saramago (2004)

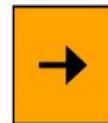


Eaí, meu fi.
Massa viu



variações de ordem regional ou geográfica

Ocorrem no caso do Português falado entre países distintos (Brasil, Portugal, Angola, etc.) e entre o Português falado no Brasil, por exemplo, manifestado entre cada uma de suas regiões.



Eai, meo.
Tudo blz?





**Varição
diastrática**

Até isso, bicho

AS DIFERENÇAS SOCIAIS TAMBÉM OCASIONAM VARIÇÕES

Elas também podem estar relacionadas aos grupos ou classes sociais envolvidas, compreendendo: idade, sexo, nível socioeconômico ou grau de escolarização.





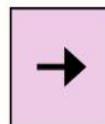
Varição diacrônica

Arcaísmos são palavras ou expressões menos frequente na modalidade escrita e na modalidade oral. **Malinagem** e **Buliçoso** são exemplos de arcaísmos.

A variação histórica

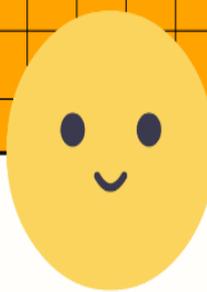
E é mesmo

Ocasional mudanças que conforme o decorrer do tempo se adaptaram e readaptaram as novos contextos de uso seguindo sempre a constância de utilização dos falantes. Essas mudanças resultam em novos arcaísmos na língua.



Um dia Vô brigou com eu me chamano de buliçoso





**Ei, macho!
Mas se
ligue aí...**

**As formas de
variação são
diversas e do mesmo
modo que surgem em
situações múltiplas
podem também
coexistir entre elas.**

**SIGNIFICA DIZER QUE ELAS NÃO ACONTECEM DE
MANEIRA ISOLADA E PODEM, MUITO BEM, SER
RESULTANTE DA UNIÃO DE DIVERSOS FATORES.**

INCLUSIVE AQUELES QUE FORAM MOSTRADOS AQUI.

Um pequeno Lembrete:

Nós fizemos nossa pesquisa, mas você também pode fazer a sua! Compare suas fontes com as nossas e sempre exercite o julgamento saudável.

Fontes

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz?** 45.ed. São Paulo: Loyola, 2006.

BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

ARAÚJO, Ana Paula de. Linguística. In: Arcaísmo. [S. l.], [2022].

Disponível em: <https://www.infoescola.com/linguistica/arcaismo/>.

Acesso em: 22 fev. 2022.

VIANA, Guilherme (ed.). Gramática. In: Variações linguísticas. [S. l.], 3 mar. 2022. Disponível em:

<https://mundoeducacao.uol.com.br/gramatica/variacoes-linguisticas.htm>. Acesso em: 15 fev. 2022.



Design by: Canva.com